

O PARADOXO DA PRAIA URBANA

Escola de Arquitetura e Urbanismo,
Universidade Federal Fluminense

Marina de Cássia Vieira Machado

o paradoxo da praia urbana

Trabalho de conclusão de curso apresentado
à Escola de Arquitetura e Urbanismo da
Universidade Federal Fluminense, como parte
dos requisitos necessários à obtenção do título
de Bacharel em Arquitetura e Urbanismo, sob
orientação da Prof^ª. Dr^ª Rossana Brandão e a
supervisão da Prof^ª. Andrea Sampaio.

Niterói

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo analisar e questionar a relação entre hábitos e o espaço público, a partir do caso da praia urbanizada. A partir do projeto “A praia e o tempo”, do arquiteto Pedro Varela, como mote para a reflexão sobre paradoxos existentes no espaço da praia urbana, o presente trabalho se propõe a tomar as praias da cidade do Rio de Janeiro como objeto de pesquisa. Nesse sentido, a praia urbanizada é um exemplo de espaço em abertura, em contexto urbano, e suas características materiais e imateriais poderiam pressupor uma expectativa de mobilidade, respiro, tempo livre e liberdade. A observação sobre a praia urbana nos incitou os questionamentos: Quando a espacialidade da praia urbana ajuda (ou restringe) os corpos a se sentirem livres? O que é necessário para que um espaço proporcione uma experiência de liberdade? As pesquisas realizadas nos indicam que os hábitos sociais que se reproduzem na praia urbana podem ser interpretados como uma expressão social da ordem urbana nos espaços públicos, mesmo naqueles espaços naturais onde o senso comum entende como um espaço de liberdade.

palavras-chaves: praia urbana, espaço público, ordem urbana, hábitos sociais, liberdade.



Imagem do acervo pessoal



AGRADECIMENTOS

O desenvolvimento deste começou bem antes do começo. Quando nem pensava nele, já estava em certa medida formando este ponto exato em que o pari. Sendo ele bem menos complexo que o seu processo, mas uma mira definida que me levou a tantos lugares mentais e que me faz mais inteira hoje, mesmo ainda longe desta mira. Sendo extenso esse tempo, ele passou por muitos agradecimentos até aqui, em que estão todos.

Agradeço primeiro aos percalços que me acordaram. E a mim, por estar atenta. Agradeço aos meus amigos e amores; que pelo afeto me fazem ressignificar e gozar da vida. Aos meus pais, que já considerei nos "amigos e amores", mas em dose infinita; e me dão sobretudo, amor e tudo. Ao meu parceiro e amigo que foi junto, atenção e abraço; agou pedra e deu forma em ar. Por pirar nas minhas piras, me fazer sentir tanto e leve. A minha orientadora que foi uma estrutura afetuosa, que me inspirou e fez desse processo simples e complexo. Que se ateu aos pontos, que compreendeu o meu tempo e propôs um novo; que eu me orgulhei de cursar. Que me passou confiança e (dar poder é muito) basta. Aos inúmeros pensadores-mestres que me acompanharam no caminho e me ensinaram tanto.

Agradeço a minha trajetória nessa instituição, que me ensinou a superar desconfortos, que iniciou a minha relação com a Arquitetura e o Urbanismo, e me colocou no mundo. Que me fez e refez.

E, por fim, agradeço à praia. Que através de tantas minúcias, desde o meu nome-mar, que me convida a olhar o mar e aprender tanto. Que foi palco de tantos eventos pessoais e performa inúmeras memórias. Que me ensina a ser cíclica, a dar mergulhos rasos e profundos, a não me amedrontar com mistérios, inconstâncias e transformações. Que me ensina a balançar e dissolver, a evaporar e condensar. E que estará sempre ali, cotidiana, eventual, aguada, fluida e constante.

Meus votos aos cherios de marés. Aos sussurros das brisas, às areias que grudam no corpo e vão sujando espaços a fora. Às transformações. Às águas.

Obrigada.

SUMÁRIO

introdução.....	6
O paradoxo da praia urbana	
capítulo 01.....	10
1.1 O sentido público da praia e a liberdade.....	11
1.2 O imaginário da praia e a urbanização do Rio.....	15
1.3 A praia urbana e os hábitos sociais.....	20
capítulo 02.....	31
2.1 Ensaio sobre "A praia e o tempo" e o território praticado da praia urbana.....	32
2.2 Demarcação e a praia urbana.....	33
2.3 Deslocamento e a praia urbana.....	35
2.4 Nova espacialidade na praia urbana.....	37
conclusões.....	42
bibliografia.....	44
figuras.....	46

INTRODUÇÃO



Imagem de acervo pessoal

“ O comportamento, eis o que me interessa. com alcançá-lo a máxima liberdade (...) da participação inicial, simples, estrutural, à sensorial, ou à lúdica (da maior importância), tende-se a chegar à própria vida, à participação interior da própria vida diária.” (OITICICA, 1969, P.8)

INTRODUÇÃO: O PARADOXO DA PRAIA URBANA

Esta pesquisa nasce de um questionamento de como os espaços urbanos poderiam atravessar os hábitos de um indivíduo. Refiro-me ao espaço urbano da forma mais ampla possível, mas tomo por referência a praia urbana da cidade do Rio de Janeiro para pensar a relação entre hábitos e espaços públicos. É da orla do Rio de Janeiro, com 86 km de extensão que reúne diversas praias, que as minhas observações emergem - um espaço público de propriedade federal, que não pode ser privatizado e devem permitir o livre acesso a todos e todas, contribuindo para o entendimento do senso comum como um lugar de liberdade e democracia exemplar. No entanto, certos grupos escolhem certas praias ou determinados espaços da faixa de areia de uma praia e são estabelecidas relações específicas nesses espaços de maneira a condicionar os hábitos sociais, como aponta a antropóloga Fernanda Huguenin (2019) em seu livro "O mito da praia democrática: um ensaio sobre Ipanema, sua bossa e seus banhistas"¹, em que questiona o caráter democrático da praia e identifica relações na praia de Ipanema, na zona sul do Rio de Janeiro. Esse paradoxo foi o disparador dos questionamentos que este estudo pretende responder. Quais forças sustentam o imaginário da praia urbana como um espaço livre? Essas forças são suficientes para garantir uma experiência de liberdade neste espaço? Quando a espacialidade da praia urbana ajuda os corpos a se sentirem livres? Quando ela constrange esses corpos? O que é necessário para que um espaço proporcione essa experiência?

A partir destas questões podemos buscar compreender a relação entre os hábitos sociais e os espaços públicos e como a ordem urbana interfere ou age nessa correlação. Este trabalho toma como recorte espacial para o desenvolvimento das questões levantadas as praias na condição social e urbana específica da zona sul do Rio de Janeiro, sem desconsiderar as distinções socioespaciais das demais praias da cidade e fora dela.

As praias apresentam papel importante como espaços de socialização e lazer no Rio de Janeiro, como será apresentado ao longo do trabalho, tendo em vista diversos fatores contribuintes: uma cultura praiana historicamente enraizada, o poder de atratividade do mar, a natureza pública dos terrenos da União, a precária oferta e manutenção de outros espaços públicos apropriados para o lazer na cidade, o clima do Rio de Janeiro. As praias localizadas na zona sul da cidade apresentam uma posição relevante para a análise das relações sociais que são produzidas na praia urbana, uma vez que nesta região, há inúmeras contradições que atravessam o contexto dessas praias. Bairros tradicionais da classe média carioca e as favelas inseridas, lado a lado, em uma das áreas mais valorizadas da cidade e próximas às praias. Só este conflito social histórico de segregação, torna a compreensão dos hábitos sociais das praias da zona sul relevante do ponto de vista social, cultural, simbólico e urbanístico.

Diante disso, neste trabalho, entende-se o significado do termo "arquitetura" como a transformação do espaço pelo trabalho humano, designando um processo e não um produto (KAPP, S.; BALTAZAR, A.P.; MORADO, D., 2008)²

Sendo assim, entendo a praia urbana como um espaço que está mais passível às influências de intervenções humanas no cotidiano, sendo possível analisá-la como um espaço público que se transforma frequentemente e, assim, torna-se objeto de investigação extremamente desafiador e interessante para o campo da arquitetura e urbanismo. O que se pretende como objetivo específico deste trabalho é a problematização da relação entre hábitos e espaços públicos, mirando a compreensão sobre como a perspectiva da ordem urbana interfere ou age nesta correlação, através do estudo do espaço da praia urbana na zona sul carioca, tomando como ponto referencial da reflexão, o projeto “A praia e o tempo” (2018) do arquiteto Pedro Varella.

Proponho responder a essas questões ao longo do trabalho com um posicionamento teórico-metodológico sob a articulação entre a perspectiva materialista histórica-dialética e a abordagem fenomenológica. O que se pretende com este diálogo teórico-metodológico é discutir como historicamente construiu-se o imaginário da praia urbana relacionado ao sentido de liberdade, que dialoga com o espaço vivido, percebido e concebido (LEFEBVRE, 1974) desse território. O que nos revela o espaço construído socialmente através da percepção, representação e interpretação que as pessoas compartilham com o mesmo, revelando as práticas sociais. (TAVARES, 2015) A utilização desta abordagem nos esclarece as ideias que foram construídas socialmente na cultura carioca e que tomam forma em longos processos históricos até definirem hoje certas práticas predominantes, no

qual o sistema econômico da cidade está sustentado, e que reproduzem as relações a partir de uma “subjetividade capitalística”, que segundo Santos (1981)³ advoga pela acumulação, pela propriedade e pelos interesses privados” (GUIZZO, 2019)⁴.

O processo de pesquisa do presente trabalho é desenvolvido a partir de pesquisa exploratória bibliográfica e pesquisa documental para a articulação de conceitos, fenômenos, eventos, notícias, fotografias e referência projetual/de intervenção em praias urbanas. Entendendo a complexidade das forças que atravessam um espaço, acreditamos na construção de uma análise crítica do campo da Arquitetura e Urbanismo de maneira transdisciplinar.⁵ Desta maneira, me coloco à disposição de ter a minha perspectiva, enquanto futura arquiteta e urbanista, alterada ao longo do processo desta pesquisa. Buscando compreender de que maneira o entendimento sobre a relação entre hábitos e espaços públicos podem alterar o exercício profissional no campo.

O trabalho é estruturado em dois capítulos e uma síntese conclusiva. O primeiro, além de desvelar os paradoxos que envolvem o território da praia urbana, apresenta os questionamentos incitados por ele e as referências bibliográficas que sustentam a discussão teórico-crítica que este trabalho propõe. É no primeiro capítulo que procuramos compreender as “camadas” de ordem urbana que interagem com o espaço da praia urbanizada, que corroboram para a construção do imaginário deste espaço como um lugar de liberdade.

No segundo, é onde nos debruçamos sobre o projeto “A praia e o tempo” do arquiteto Pedro

1. HUGUENIN, F.P.S. O mito da praia democrática: um ensaio sobre Ipanema, sua bossa e seus banhistas, Campos dos Goytacazes, RJ: Essentia, 2019.

2. KAPP, S.; BALTAZAR, A.P.; MORADO, D. Architecture as Critical Exercise: Little pointers towards alternative practices. Field: A free journal for Architecture (Sheffield), v.2, p.7-29, 2008.

3. a autora faz referência em seu livro “Reativar territórios: o corpo e o afeto na questão do projeto participativo” ao urbanista brasileiro Carlos Nelson Ferreira dos Santos ao analisar artigo publicado em 1981 sobre uma experiência participativa dele na comunidade de Brás de Pina, no Rio de Janeiro.

4. GUIZZO, Iazana. Reativar Territórios: o corpo e o afeto na questão do projeto participativo. Belo Horizonte: Quintal Edições, 2019, pg. 51

5. BRANDÃO, M. B. A.; Experimento para uma estratégia transdisciplinar.

Varella e propomos um diálogo entre esta referência projetual, as referências bibliográficas e o imaginário territorializado da praia urbana, apresentando um ensaio - entendendo que o ensaio não esgota totalmente o conhecimento de seu objeto, nem o cria a partir do nada, mas o faz aparecer por um ângulo novo ou instigante. É neste capítulo que se pretende desenvolver um diálogo entre a referência projetual e o território praticado da praia urbana, a partir de análises sobre este espaço real, seus elementos e fluxos e espacialidades produzidas, para imaginar novas relações, possibilidades e intensidades que existem em potencial a partir dele.

Por fim, o trabalho apresentará uma síntese conclusiva sobre a relação entre hábitos e espaços públicos, a partir das apreensões sobre o território praticado da praia urbana carioca revelado pela articulação da pesquisa bibliográfica exploratória (capítulo 01) e pela referência projetual apresentada (capítulo 02).

A abordagem destas reflexões será feita considerando um conceito-chave, notoriamente significativo para nosso campo do conhecimento: a noção de território praticado proposta pela socióloga e professora de planejamento urbano, Ana Clara Torres Ribeiro (2003), a partir do conceito proposto pelo geógrafo Milton Santos de território usado. Segundo o geógrafo, é o uso do território que o torna objeto da análise social, não as formas. Sendo assim, o território somente considerado enquanto forma é desprovido de sentido social e não é suficiente para uma explicação satisfatória do fenômeno espacial, não possuindo o poder de incitar estratégias de transformações estruturais

na sociedade e no espaço (ARROYO e NETO, 2017)⁶. A partir da compreensão da socióloga, pode-se entender que lançar mão de uma análise sob a categoria de território praticado, pressupõe considerar uma totalidade social - o cotidiano, o saber local, a cultura territorializada e a ação social - para além da totalidade espacial - espaço, objetos e ações (Santos, 1997). Sendo assim, interpretam-se usos em praia, também do ponto de vista da opinião do usuário e hábitos, como estratégia para a manutenção destes espaços.⁷ Portanto, este trabalho compreende o território usado/praticado como o lugar de construção dos projetos desvencilhados de um pensamento e ação homogeneizante, à medida que considera as significações políticas e a diversidade que atravessam o espaço, se afastando da perspectiva de interesses coletivos estáveis ou de modelos universalizantes.

Nesta pesquisa, consideramos que cidades de qualidade deveriam contemplar diversidades e contribuir para a minimização das divisões da sociedade (SENNET, 2006)⁸, como também entendemos ser importante a relação entre diversidade e a produção e gestão do espaço urbano. Considerando que a sociedade contemporânea está marcada pelo individualismo e que o urbanismo atual ainda é muito marcado pelo racionalismo e tecnicismo (FAYAD e BESCIAK, 2017)⁹, faz-se importante discutir a diversidade nas cidades, a fim de propiciar uma relação com os espaços urbanos que considerem opiniões, hábitos, comportamentos, crenças e gêneros diversos. Compreenderemos a qualidade da diversidade no espaço público ao longo

da pesquisa como outro conceito-chave significativo para o campo da arquitetura e urbanismo, sob a luz de referências bibliográficas acerca do tema. O que se pretende do entendimento de nexos entre diversidade e o sentido público da praia é a compreensão sobre como esta possível qualidade de ordem urbana, pode atravessar os hábitos sociais, o que contribui para a análise específica deste estudo sobre o território praticado da praia urbana e auxilia na compreensão de como o espaço proporciona (ou não) uma experiência de liberdade, e as relações que tal experiência implica.

Neste sentido, como premissa desta pesquisa é considerada a importância da compreensão e análise das praias da zona sul, como representativas de um paradoxo fundamental na Arquitetura e Urbanismo que refere-se a diversidade e dos benefícios sociais mútuos da coexistência entre pessoas de grupos sociais distintos, sobretudo num contexto radical de segregação urbana da zona sul do Rio de Janeiro. Frente ao entendimento da praia urbana como palco de múltiplas dinâmicas socioculturais, políticas e econômicas, podemos perceber a complexidade que envolve este território. A proposta deste trabalho de conclusão de curso, em sua potência/limitação temporal, é apresentar alguns desses conflitos presentes no espaço à beira-mar, sem desconsiderar a existência de outros, com a contribuição de referências bibliográficas de diferentes campos de estudo, se estruturando em um processo transdisciplinar de análise de problemas atuais referentes ao objeto de estudo analisado - a praia urbana.

6. ARROYO, MÓNICA; NETO, M.L.S; Território urso/ praticado como categoria central do planejamento urbano regional, edição v.17 n.1 (2017): Anais do XVII ENANPUR, Sessão Livre.

7. DONEGAN, Lucy. Qual é a sua praia? Arquitetura e Sociedade em praias de Natal-R, pg. 41.

8. citado em: DONEGAN, Lucy. Qual é a sua praia? Arquitetura e Sociedade em praias de Natal-R.

9. FAYAD, Karime; BESCIAK, Nadia. Cidade e diversidade: perspectivas para o próximo urbanismo. XVII ENANPUR, São Paulo, 2017.

CAPÍTULO 01



Figura 01

Praia de Ipanema, 2020

Disponível em:

<https://jovempan.com.br/noticias/brasil/rio-de-janeiro-flexibiliza-restricoes-e-permite-permanencia-de-banhistas-na-praia.html>

“ A liberdade é bonita, mas não é infinita. Eu quero que você me acredite: a liberdade é a consciência do limite.” (MAUTNER, WISNIK, 2010, s.p.)

“A potência não é proveniente dos elementos sob a óptica da unidade, mas do conjunto composto por esses "átomos" contendo em si uma energia própria, acionável somente pela presença das pessoas e do contato com elas - como um brinquedo. Essas fricções positivas entre as partes distintas e dispersas geram um movimento vigoroso. Lugares em contínua mutação pela simples presença do homem: não o autor único de tudo ali, como a figura do arquiteto, mas o ser comum que usufrui daquele espaço de maneira não passiva. Temos aqui um lugar onde a criação é coletiva” (PERROTO,BOSCH, 2013, s.p.)

CAPÍTULO 01

1. O sentido público da praia e a liberdade

Atualmente, a Constituição Federal de 1988 classifica e regulamenta as praias como bens titularizados pela Secretaria do Patrimônio da União, órgão do Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão, mas de uso comum da população. A lei nº.7.661/88, que instituiu o Plano Nacional de Gerenciamento Costeiro, decreta no artigo 10 que:

“as praias são bens públicos de uso comum do povo, sendo assegurado, sempre, livre e franco acesso a elas e ao mar, em qualquer direção e sentido, ressalvados os trechos considerados de interesse de segurança nacional ou incluídos em áreas protegidas por legislação específica”

A urbanização, o uso particular ou qualquer forma de utilização do solo na Zona Costeira que impeça ou dificulte o acesso também não são permitidos. Em suma, as praias podem ser utilizadas para uso comum do povo, para fins de segurança nacional e como área de proteção ambiental, garantindo à praia um caráter público e contribuindo na manutenção do ideário das praias como *espaços de liberdade*. Em paralelo, há casos de apropriação irregular no litoral fluminense relativos à disputa de exclusividade, cercamentos que impedem o acesso da população, inacessibilidade pela falta de transporte, má condição das estradas e/ou dificuldade de encontrar informações sobre o percurso. Além disto, pode-se notar uma dinâmica de permanências e impermanências na relação

entre gestão urbana e praia que ratifica o caráter paradoxal das configurações que se estabelecem à beira-mar. A gestão pública da cidade do Rio de Janeiro encara a praia também como paisagem, além de espaço público, no momento que modifica quiosques, permite eventos privativos no calçadão e faixa da areia, cerca espaços da faixa para eventos pagos. Essa flexibilização dos usos à disposição da construção da imagem da cidade também será oportunizada pelo mercado imobiliário e interesses privados, comprometendo o sentido *comum* ou coletivo do espaço. Dito isto, questiona-se se o caráter público da praia garantiria uma experiência de liberdade neste espaço, tendo em vista as ações ambíguas da gestão pública sobre os usos na praia, que oscilam entre interesses públicos e privados, apesar da instância pública ser idealizada como um espaço de igualdade e acesso a todos e todas.

• Os atuais quiosques da praia do Rio são do projeto Rio Orla, de 1992. Com as 309 novas estruturas, a concessionária Orla Rio Associados promete mudar a cara das praias, levando grifes de restaurantes e bares para a orla da cidade. O objetivo do projeto, além de modernizar as atuais estruturas para os Jogos Pan-Americanos, em 2007, é atrair cada vez mais o carioca para as praias.

Grife e diversidade fazem parte da proposta



■ A SIMULAÇÃO de como ficarão os quiosques em Copacabana

Divulgação/Orla Rio

• Os atuais quiosques da praia do Rio são do projeto Rio Orla, de 1992. Com as 309 novas estruturas, a concessionária Orla Rio Associados promete mudar a cara das praias, levando grifes de restaurantes e bares para a orla da cidade. O objetivo do projeto, além de modernizar as atuais estruturas para os Jogos Pan-Americanos, em 2007, é atrair cada vez mais o carioca para as praias.

Os quatro primeiros quiosques, com a data de inauguração ainda não determinada devido aos problemas com a Justiça, serão ocupados pelo Bar Luiz, pela Cafeteria Nescafé e dois pela Plataforma Italiana.

Além desses, a rede Gula Gula já anunciou que terá ao menos cinco quiosques na orla. O Spoleto e o Empório Pax também devem fechar contratos com os quiosqueiros para instalar suas marcas na orla.

— Todos os contratos dos restaurantes serão feitos diretamente em parcerias com os quiosqueiros. Estamos, também, exigindo que as marcas preparem cardápios específicos para as praias e não apenas reproduzam seus restaurantes na orla — conta o vice-presidente da Orla Rio, João Marcello Barreto.

FIGURA 02 :

Projeto da Orla Rio Associados promete "mudar a cara" dos quiosques das praias do Rio. Retrato da gestão pública da cidade encarando a praia como paisagem e promovendo iniciativas que serão oportunizadas por interesses privados.

Reportagem O Globo.
Acessado em 10/09/2021

Ao longo da modernidade, a instância pública é valorizada pela sociedade europeia como garantia de igualdade legal e de acesso a oportunidades, serviços e bem-estar. Ao mesmo tempo, o privado foi construído como direito à propriedade e à intimidade. Segundo as análises da autora Hannah Arendt,¹⁰ o social consiste na diluição das esferas do público e do privado. Na esfera pública, encontramos *o comum*, a expressão do privado no mundo compartilhado. Para Arendt, o espaço público estabeleceria a garantia do exercício da democracia e da liberdade. Neste sentido, entendemos que a praia, enquanto espaço público, possui um ideal imagético de espaço inclusivo, de encontro das diferenças, no qual seria garantido livre acesso a todos e todas que se propuserem a obedecer a ordem. Contudo, podemos observar no território praticado da praia urbana que a expressão da coletividade e liberdade não está dada somente a partir do sentido público do espaço, uma vez que essa ordem está submetida aos ideais das pessoas que compõem ou controlam esses lugares, estes pronunciam-se como “espaços iguais em conflito, juntos, mas separados por limites e barreiras simbólicas” (SERPA, 2013, p. 64)¹¹. E entendendo que, os coletivos são produzidos tais quais as subjetividades (GUIZZO, 2019) e, no contexto em análise, a subjetividade dominante opera sob as simbologias do indivíduo, do privado, da acumulação, do interesse particular e do controle - “subjetividade capitalística” - podemos aferir o desafio da construção de um *comum* na praia urbana e a relevância de analisar este espaço a partir da perspectiva de seu *território praticado*.

Buscando compreender nexos entre o espaço público e a experiência de liberdade, analisamos a relação entre o sentido público da praia e a *diversidade*, considerando a diversidade como qualidade indicativa de um espaço de liberdade, e portanto, importante noção a ser compreendida na produção e gestão do espaço urbano. Entende-se *diversidade* como multiplicidade, heterogeneidade, pluralidade de ideias, crenças, valores, percepções, culturas e de toda forma de expressão da vida humana (FAYAD e BESCIAK, 2017)¹² - mistura social e, também, de usos (JACOBS, 1961). O professor e filósofo Konzen (2012) compreende que, para Hegel, a diversidade expressa que dois ou mais objetos possuem ao mesmo tempo a determinação da igualdade e da desigualdade, e que a liberdade de todos os seres humanos é justamente o aspecto que os torna iguais. E não é preciso, para isso, negar ou neutralizar as diferenças. Sendo assim, entendemos que um *espaço de liberdade* seria aquele que seu território é praticado em constante transformação, feito e refeito a cada relação e que está em “situação efetiva de abertura de discussão” (NEGRI, 2005, p.3), onde os limites pessoais e de negociações do espaço comum oscilam constantemente (ARRUDA, 2016)¹³ e compreendem a copresença das diferenças. Portanto, depreendemos que as desigualdades decorrentes da diversidade estão presentes nas relações humanas, não sendo algo em si negativo, mas que depende da mediação dos indivíduos para fomentar a coexistência das diferenças. Jane Jacobs, na década de 1960, avançava em uma teoria urbana de valorização da diversidade de usos que os espaços públicos proporcionam para as pessoas,

10. MONTANER, Josep Maria; MUXÍ, Zaida. *Arquitetura e política: ensaios para mundos alternativos*, São Paulo: Gustavo Gili, 2014.

11. PENA, Mariana. *A experiência das mulheres nos espaços consagrados do “masculino”: uma leitura socioterritorial dos estádios de futebol*, Niterói, 2021.

13. ARRUDA, Marcella. *Arquitetura da liberdade, a experiência do comum*, Trabalho de Conclusão de Curso, Escola da Cidade, 2016.

12. FAYAD, Karime; BESCIAK, Nadia. *Cidade e diversidade: perspectivas para o próximo urbanismo*. XVII ENANPUR, São Paulo, 2017.

13. ARRUDA, Marcella. *Arquitetura da liberdade, a experiência do comum*, Trabalho de Conclusão de Curso, Escola da Cidade, 2016.

como condição para a vitalidade urbana e segurança. Defendendo que a diversidade do espaço permite a expressão da vida urbana, e que a diversidade de usos atrai naturalmente uma diversidade de frequentadores e usuários. (NETO; PALACIOS, 2012)

O arquiteto Jan Gehl, assim como Jacobs, entende que a diversidade de atividades, de circulação ou permanência, incentiva os usos dos espaços públicos e que a função social da cidade como local de encontro deve ser reforçada. (GEHL, 2013)

Em suma, o sentido público da praia contribui para o ideário de espaço livre, onde seria possível o exercício da liberdade, a partir da coexistência das diferenças (diversidade) e da construção cotidiana de um *comum*, um coletivo, mas não o garante. Nesse sentido, frente a intenção de apreender certos hábitos sociais, é relevante valorizar a dimensão da espacialidade, no âmbito das práticas existentes na cidade e em espaços como a praia urbana. Tomando este espaço como recorte, podemos observar as divisões da própria cidade a partir das relações que são estabelecidas no mesmo, o que nos faz compreender que as forças condicionantes ultrapassam as características físicas e o caráter público dos espaços, e ganham formas invisíveis de controle na vida cotidiana da sociedade e, conseqüentemente, nos comportamentos dos indivíduos, apresentando barreiras para o exercício da liberdade no espaço público.

FIGURA 03 :

Posto 8 de Ipanema, conhecido como Farme.
TESTINO, Mario.
Disponível em: <https://www.mariotestino.com/photography/personal-projects/on-location-around-the-world/?selection=16>



2. O imaginário da praia e a urbanização do Rio de Janeiro

A culturalização do ambiente da praia se revela em um longo processo de construção de narrativas acerca deste espaço e, partir disso, podemos entender características da relação entre arquitetura e sociedade nas praias à medida que nos ajudam a clarificar juízos de valor intrínsecos em discursos.^{13.1} A vivência do mar enquanto prática cotidiana (banho, depósito de lixo e excrementos, lavagem de roupas e lazer) era própria da cultura dos nativos brasileiros no Brasil Colônia. Neste período as praias eram, sobretudo, espaços negros da cidade, de hábito popular e amoral. Era o lugar de despejo, ligado à insalubridade, mas também do lazer, da sexualidade e do mistério. Ao longo do tempo, a zona costeira passa a se tornar um refúgio para as elites, a partir de uma mudança de narrativa que associa o mar ao lugar de revitalização e saúde. Na Europa do século XVII, o mar aparece em produções artísticas associado ao divino, sob uma perspectiva de romantização dos ambientes naturais (Corbin,1989)¹⁴. Posteriormente, ao longo do século XVIII, o banho de mar é considerado terapêutico pelo discurso médico e, então, a praia passa a ser associada ao lugar da revitalização e saúde.¹⁵

Os usos da praia para o lazer da população brasileira se fortaleceram a partir do século XX, transformando as imagens das praias e seguindo a perspectiva de valorização na Europa, intensamente usadas para recreação, saúde e lazer (DANTAS,

13.1 HUGUENIN, F.P.S. O mito da praia democrática: um ensaio sobre Ipanema, sua bossa seus banhistas, Campos dos Goytacazes, RJ: Essentia, 2019.

14. CORBIN, Alain. O território e o vazio: a praia e o imaginário ocidental / Alain Corbin ; tradução Paulo Neves, São Paulo : Companhia das Letras, 1989.

15. HUGUENIN, F.P.S. O mito da praia democrática: um ensaio sobre Ipanema, sua bossa seus banhistas, Campos dos Goytacazes, RJ: Essentia, 2019.

FIGURA 04

Praia de Copacabana, vista do Leme, 1965
BRILL, Aline
Acervo IMS



FIGURA 05

Praia de Copacabana, 1950
MOSKOVICS, Carlos
Acervo IMS

2002, 2004)¹⁶. As praias foram sendo incorporadas às malhas da cidade, usos cotidianos da população e como espaços atrativos para residência gradualmente, marcando dinâmicas de expansão na cidade. (Villaça, 2001)¹⁷. No Rio de Janeiro, o espaço da praia se relaciona com os planos de urbanização do prefeito Pereira Passos (1902-1906) à medida que influencia os projetos da Avenida Beira-Mar, que liga São Cristóvão à praia de Botafogo e segue a sinuosidade do litoral. Além da abertura do Túnel do Leme e ruas em Copacabana que pretende a integração do mar com a zona urbana. Podemos notar que o imaginário da praia urbana é construído em conjunto com o anúncio de Copacabana como promessa de um bairro moderno, alinhado às ideias higienistas e de ordem urbana da Reforma Pereira Passos, que pela ordenação do espaço mirava a construção do imaginário do Rio Moderno e que, ao longo do século XX será oportunizado pela especulação imobiliária. A construção da

FIGURA 06
Praia de Copacabana,
(atual Posto 6) antes da
urbanização, 1900.

Acervo IMS



FIGURA 07

Praia de Copacabana,
1910

Acervo IMS



imagem de Copacabana, entre os anos 1890 e 1940, foi investigada por Julia O' Donnell (2011; 2013), relacionando culturas de usos nas praias à especulação e ao crescimento imobiliário.¹⁸ Esta imagem se constrói mirando um estilo de vida "praiano-aristocrático"¹⁹ e alinhada a ideia de saúde e contato com a natureza, investindo em novos usos - banhos terapêuticos, caminhadas, práticas de esportes na praia - e interpretações, configurando um espaço de forte sociabilidade.

Portanto, a cultura urbana carioca se desenvolve pelo "efeito atrator das praias nas cidades marítimas".²⁰

"Quando esse sítio natural atraente é constituído por praias, uma série de especificidades ocorre. Tudo indica que **as praias são altamente responsáveis por uma cultura urbana específica, por um estilo de vida próprio das nossas cidades marítimas. A forma da casa - não só o apartamento, mas seu tamanho, tendente a ser cada vez menor, se comparado com os das metrópoles interiores -, a praia e seu turismo, a vida ao ar livre e o tipo de bairro com alta densidade e mistura de usos do solo tiveram inegável influência em tal cultura.** (...) Estimulados pelos interesses imobiliários, nossas elites urbanas estão constantemente produzindo novos bairros e deixando outros para trás. **No Rio de Janeiro, entretanto, o fascínio da praia, a vista panorâmica, o microclima mais agradável e suas irreproduzibilidades têm feito com que significativas parcelas das camadas de alta renda permaneçam imóveis mesmo quando seus bairros se transformam.** (VILLAÇA, 2001, p. 188)²¹



FIGURA 08

GAUTHEROT, Marcel
Praia do Leme, 1976.
Acervo IMS



FIGURA 09

GAUTHEROT, Marcel
Praia do Leme, 1976.
Acervo IMS

16 e 17. DONEGAN, Lucy. Qual é a sua praia? Arquitetura e Sociedade em praias de Natal-R.

18. DONEGAN, Lucy. Qual é a sua praia? Arquitetura e Sociedade em praias de Natal-R.

19. HUGUENIN, F.P.S. O mito da praia democrática: um ensaio sobre Ipanema, sua bossa seus banhistas, Campos dos Goytacazes, RJ: Essentia, 2019.

20. DONEGAN, Lucy. Qual é a sua praia? Arquitetura e Sociedade em praias de Natal-R.

21. citado em: DONEGAN, Lucy. Qual é a sua praia? Arquitetura e Sociedade em praias de Natal-R.

Cada um no seu quadrado nas praias cariocas

Teste comprova que areia é espaço democrático, mas tribos escolhem seus territórios, como Posto 9 e Coqueirão



• Não está escrito em nenhum manual ou guia oficial. Mas quem frequenta as praias cariocas sabe: todos podem ir a qualquer uma, mas existe um pedaço de areia para cada perfil de banhista. Para a antropóloga Marisol Rodriguez Valle, as praias do Rio são espaços democráticos, já que o acesso a elas é livre e gratuito, mas existe uma divisão das areias que é de conhecimento público e já faz parte do imaginário popular.

— Um frequentador pode se sentir excluído num desses points, por acreditar que não se encaixa naquele perfil, mas essas ocupações não são autoritárias e refletem uma tendência comum nos espaços públicos das cidades — explica a antropóloga, autora da tese de mestrado “A província da ousadia: representações sociais sobre Ipanema”.

encaixa naquele perfil, mas essas ocupações não são autoritárias e refletem uma tendência comum nos espaços públicos das cidades — explica a antropóloga, autora da tese de mes-

É o caso da família do pedreiro Edson Cruz, de 28 anos, morador de Duque de Caxias, que escolheu a Praia do Arpoador como “sua”. Tanto que ele, a mulher, Michele, de 28 anos, e a filha Emilay, de 7, acampam por lá sempre que podem. Levam barraca, geladeira de isopor, roupas, fogareiro e brinquedos. De dia, mergulham e tomam sol. À noite, descansam em sua “casa” de praia.

— Aqui sei que ninguém vai me olhar torto, nem achar esquisito. Venho com a minha família, passamos alguns dias e nos sentimos muito bem aceitos — explica o pedreiro, que precisa pegar dois ônibus para chegar ao Arpoador.

A democracia com jeitinho carioca — em que todos podem ir à praia, mas a maioria procura não ultrapassar os limites da sua “praia” — pôde ser comprovada num teste feito com banhistas. Das 210 pessoas que conversaram com os repórteres do GLOBO, a maioria (65,24%) admitiu que só gostava de ir a uma determinada praia. E 34,76% disseram que iam a



NO ARPOADOR, família de moradores de Caxias acampa em dia ensolado

FIGURA 10

Pesquisa feita pelo Instituto Brasileiro de Pesquisa Social (IBPS) com 852 pessoas que nasceram ou viveram no Rio, buscando compreender a opinião dos cariocas sobre a praia ser um espaço democrático. A pesquisa conclui que a praia é um espaço democrático, onde todas as classes sociais se encontram, e identifica um hábito comum entre os cariocas de escolher a praia ou a faixa de areia de uma praia onde “se sentem mais à vontade”.

Jornal O Globo, 2009.
Acessado em 10/09/2021

O arquiteto Flávio Villaça, que estudou dinâmicas de expansão intra-urbana e transformação de áreas metropolitanas brasileiras, comenta que, no Rio de Janeiro, a proximidade da praia fez com que as classes de mais alta renda se mantivessem mais inertes do que, por exemplo, em São Paulo. Esta situação promoveu uma maior mistura de usos e de grupos sociais nessas áreas. No bairro de Copacabana, por exemplo, a *diversidade* - mistura social e de usos - é interpretada como uma qualidade da área.²²

“ O que mais chama a atenção não é tanto a **mistura de classes sociais** - que certamente existe -, mas a **mistura de funções urbanas e atividades**. **Os exíguos e os pequenos apartamentos expõem seus ocupantes para as ruas e praias**, onde se desenvolve uma sociabilidade totalmente distinta da que ocorre nos bairros de apartamentos de São Paulo e Belo Horizonte. (...) **As burguesias da zona sul passaram a aceitar esse tipo de bairro e mesmo a considerar a “mistura” uma vantagem que se soma às iniciais - a praia, a vista panorâmica e a brisa agradável.** ”(VILLAÇA, 2001, p. 191)

Em primeira instância, podemos aferir que o modo como as pessoas se apropriam (ou não) dos espaços urbanos se relaciona com o modo de produção do espaço urbano ao longo da história de uma determinada cidade, em que aspectos socioculturais são determinantes para compreensão desse processo.²⁴ No recorte espacial deste estudo - as praias urbanas cariocas - estes aspectos revelam diferenciações e desigualdades que resultam em limites e segregação espacial. Por essa razão,

compreendemos que a atratividade da praia possa ter contribuído para a configuração de um espaço de maior convivência entre diversos grupos sociais, no entanto, sendo um espaço intensamente usado por diferentes parcelas da população, nas situações onde as praias parecem agregar mais pessoas, na realidade acolhem e denunciam conflitos da nossa sociedade.

22. DONEGAN, Lucy. Qual é a sua praia? *Arquitetura e Sociedade em praias de Natal-R.*

23. citado em: DONEGAN, Lucy. Qual é a sua praia? *Arquitetura e Sociedade em praias de Natal-R.*

24. JUNIOR, Wellisson; FONTES Bianca. Espaços públicos e diversidades urbana. *Anais eletrônicos do VII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade - Rio Grande: Ed. da FURG, 2018*



FIGURA 11

Retrato da **alta densidade da orla** de Copacabana e Leme.

Disponível em Vist.rio

Outro aspecto que podemos identificar é que no processo de produção do espaço urbano da cidade há o investimento da construção do imaginário praiano, corroborando com as dinâmicas de especulação imobiliária e crescimento da cidade. Nesse sentido, podemos compreender que os hábitos sociais do território da zona sul do Rio e do território da praia se retroalimentam, a medida que a presença da praia interfere na maneira de se habitar o território - novas formas de habitações, hábitos, usos do solo e alta densidade e custo de vida nos bairros da orla. Ao mesmo tempo que as experiências vividas no espaço da praia representam as divisões próprias da cidade, mesmo não havendo barreiras físicas à beira-mar podemos observar a espacialização da ordem urbana, expressa na distinção social, característica do contexto urbano carioca, e na hierarquização na forma de apropriação do espaço. Dito isso, entende-se que as experiências vividas neste território poderiam co-produzir a identidade praiana, que influenciaria o “estilo” ou os hábitos da chamada “estilo de vida carioca”. As narrativas por trás dessas barreiras invisíveis são transformadas à medida que as relações deste território são atualizadas. Sendo assim, compreendemos que os hábitos sociais que se reproduzem na praia podem ser analisados e problematizados como uma expressão social da *ordem urbana* e, portanto, acompanham os embates sociais inerentes ao meio urbano ao longo do tempo. Estas reflexões nos indicam a impossibilidade de discutir espaço urbano sem observar a sociedade, ainda que seja um ambiente não edificado.

3. A praia urbana e os hábitos sociais

A construção do estilo de vida praiano carioca foi delineado não só pelos usos consolidados na praia, mas também pelos hábitos praticados dentro e fora dela. Ao longo dos anos, a faixa de areia é marcada por relações entre os banhistas que, ao mesmo tempo que compartilham, também disputam o território a partir do investimento na normatização ou transgressão dos costumes. Diante disso, o poder público interpõe a partir de despejos forçados sobre os corpos indesejados e indesejadas, construindo territórios com marcações visíveis e invisíveis (inclusive no corpo, se pensado também como um território). O corpo feminino, por exemplo, ganha destaque nas revoluções morais sobre a exposição e padronização corporal, sendo ferramenta transgressora ao conservadorismo. Nesse sentido, compreende-se o atravessamento da ordem urbana nos comportamentos à beira-mar e, portanto, no exercício da liberdade no espaço. Dito isso, podemos buscar compreender a relação entre a construção de hábitos sociais e o espaço público, a partir do caso da praia urbanizada, à luz da designação da praia como instituição pública, pelo filósofo e cientista social Maffesoli (2006).²⁵

A história da praia é marcada por escândalos morais e diversos conflitos sociais, como também por manifestações de laços coletivos e afetivos que giram em torno do corpo, da sexualidade, da imagem, das relações, do esporte e do desejo, o que nos indica a presença de dinâmicas sociais produtoras de valores culturais e referências identitárias, que se nutrem e se transformam à medida que as dinâmicas da ordem urbana e as identidades se atualizam. Entendemos que as praias na cidade

do Rio de Janeiro são intensamente usadas e se relacionam cotidianamente com a vida dos cariocas, residentes em determinadas regiões da cidade (zona sul, Barra da Tijuca ou Recreio), à luz da imagem do “estilo de vida praiano carioca”, como percurso, espaço de trabalho, de lazer e como ambientes restauradores no cotidiano da população. Nesse contexto, podemos compreender que os comportamentos dos habitantes cariocas são atravessados pelo espaço da praia urbanizada, como também os hábitos na praia são atravessados pela *ordem urbana* - sob a perspectiva da praia como uma expressão social da *ordem urbana*.

Quinta-feira, 16 de março de 2000

Peitada na PM revitaliza topless

• A polêmica da estação ficou por conta do velho topless, que ganhou fôlego novo no dia 16 de janeiro, quando Rosemeri Moura da Costa peitou literalmente a Polícia Militar na Praia da Reserva Biológica do Recreio. A bandeira pelo direito das mulheres de descobrir os seios em locais públicos foi logo erguida no Posto 9, em Ipanema. A manifestação pró-topless de 18 de janeiro ficará como única lembrança bem-humorada do mesmo dia em que aconteceu a tragédia na Baía da Guanabara.

Na memória do verão também ficará o forró das noites de domingo na Lagoa: a música alta provocou arrasta-pés do público e um arranca-cabelos dos incomodados moradores da vizinhança. ■



HOMENS E MULHERES no Posto 9: manifestação em defesa do topless

16 de janeiro, quando Rosemeri Moura da Costa peitou literalmente a Polícia Militar na Praia da Reserva Biológica do Recreio. A bandeira pelo direito das mulheres de descobrir os seios em locais públicos foi logo erguida no Posto 9, em Ipanema. A manifestação pró-topless de 18 de janeiro ficará

25. HUGUENIN, F.P.S. O mito da praia democrática: um ensaio sobre Ipanema, sua bossa seus banhistas, Campos dos Goytacazes, RJ: Essentia, 2019.

Figura 12

Em Março de 2000, Rosemeri Moura Costa fazia topless em uma praia carioca e foi abordada por policiais militares. Recusando-se a colocar o sutiã do biquini, foi agredida e presa. Um exemplo de ação (violenta) do poder público, sobre um ato afirmação de individualidade, escolha, prazer e autonomia da mulher sobre o próprio corpo. E de transgressão às práticas normativas da época. Depois deste acontecimento a prática do topless passa a ser autorizada.

Reportagem Jornal O globo, 2000.

te de maconha. Mas o que muitos não sabem é que, tempos atrás, esse espaço que dita moda e modos já teve horários para banhos de mar e multa ou prisão para quem descumprisse as regras.

O Decreto 1.143, manuscrito e assinado pelo então prefeito do Distrito Federal, Amaro Cavalcanti, completa um século amanhã, dia 1º de maio. Estabelecia multas para quem desrespeitasse a etiqueta. Eram proibidos "quaisquer ruídos e vozerias", por exemplo. Também era obrigatório usar "vestuário apropriado, guardando a necessária decência e compostura, de acordo com as exigências da autoridade respectiva". Nada mais distante do que acontece hoje na orla carioca.

Figura 13:

Reportagem do Jornal O Globo (2017) sobre o centenário do Decreto 1.143, que estabeleceria multas para quem desrespeitasse "a etiqueta" na praia carioca. Retrato dos despejos forçados da gestão pública sobre os corpos indesejados e indesejadas. No entanto, o historiador Milton Teixeira não reconhece um caso que alguém tenha sido multado, na prática, com base no decreto e justifica que "a praia sempre foi território da liberdade".

MUDANÇA DE HÁBITOS

A época em que praia tinha muita roupa

Decreto que previa multas e até prisão para quem desrespeitasse horários de banho de mar ou não usasse 'vestuário apropriado' completa cem anos

SELMA SCHMIDT
selma@oglobo.com.br

As praias do Rio sempre foram o cenário ideal para quem quisesse quebrar tabus e normas. Afinal, foi nas areias de Ipanema que a atriz Leila Diniz, em 1971, em plena ditadura, exibiu sua barriga de grávida, de biquíni, para quem quisesse ver. Ipanema também foi palco, em janeiro de 1972, do primeiro topless do Brasil. Oito anos depois, logo que voltou do exílio, o ex-guerrilheiro Fernando Gabeira chamou a atenção ao aparecer no Posto 9 usando uma tanga de crochê. Aliás, é por ali que, há décadas, fica a galera mais descolada, que até já soprou apito para tentar impedir prisões por porte de maconha. Mas o que muitos não sabem é que, tempos atrás, esse espaço que dita moda e modos já teve horários para banhos de mar e multa ou prisão para quem descumprisse as regras.

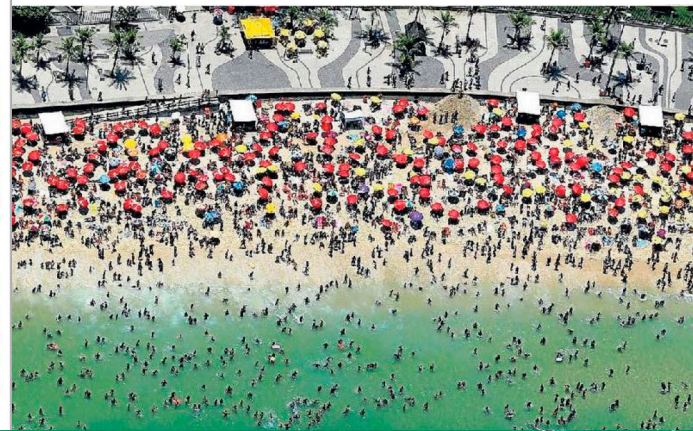
O Decreto 1.143, manuscrito e assinado pelo então prefeito do Distrito Federal, Amaro Cavalcanti, completa um século amanhã, dia 1º de maio. Estabelecia multas para quem desrespeitasse a etiqueta. Eram proibidos "quaisquer ruídos e vozerias", por exemplo. Também era obrigatório usar "vestuário apropriado, guardando a necessária decência e compostura, de acordo com as exigências da autoridade respectiva". Nada mais distante do que acontece hoje na orla carioca.



AUGUSTO MALTA/ACERVO IMS

Mas, na prática, alguém chegou a ser multado com base no decreto? O historiador Milton Teixeira desconhece, embora duvide:

— Ao que me consta, ninguém foi multado ou preso, porque a praia sempre foi território da liberdade. Esse regulamento foi feito porque naquela época estava surgindo um novo hábito no Rio, o de tomar banho por puro prazer, e não por motivos médicos. Acredito que essas normas serviram apenas para marcar um momento importante da história do município, quando o povo se encanta com o mar e o Rio se descobre como cidade turística. Até então, os



Cheia hoje. Novos costumes fizeram da praia um dos espaços mais democráticos da cidade, porém regras nem sempre são cumpridas

Cheia antigamente. Banhistas posam em Copacabana, em 1918, época de pouca pele à mostra e proibição de barulho: lei que faz cem anos é considerada o primeiro choque de ordem

A praia é um bom lugar para entrar em forma

Com o calor, aumenta a procura por atividades físicas ao ar livre, muitas delas gratuitas, na temporada 2011

Juliana Câmara
juliana.camara@oglobo.com.br

• Pão de Açúcar, Dois Irmãos, Corcovado, Pedra da Gávea:

OS MELHORES TRECHOS PARA MALHAR NA ORLA

Foto de Carlos Ivan

pecialistas. A praia, ambiente dos mais democráticos, oferece opções para quase todos os gostos, do Aterro do Flamengo ao Recreio: há aulas de futebol e vôlei para todas as idades, grupos de corrida, assessorias esportivas, ioga, tai chi chuan, alongamento, ginástica e aparelhos de musculação. Algumas atividades são pagas, mas há também muitas opções gratuitas. Dá para ver que, mais

bonita, está cercado de outras pessoas fazendo atividades diferentes, e com liberdade. Estes são aspectos motivacionais e aumentam o rendimento no exercício. Além disso, espaços abertos são mais variados e dão sensação de competitividade menor que uma academia, por exemplo — explica Daniel Arkader Kopiler, especialista em medicina do exercício e diretor da Sociedade Brasileira de Medicina do Exercício e do Esporte.



Figura 14

Reportagem do Jornal O globo (2011) retratando a praia como um "ambiente dos mais democráticos" da cidade, que oferece opções "para todos os gostos" para a prática de atividades físicas ao ar livre, com atividades pagas e gratuitas e identifica o Rio como uma "academia ao ar livre".

Figura 14 e 15

Retrato da praia como espaço de revitalização e saúde a partir do lazer e prática de esporte (figura 00), ao mesmo tempo como palco de disputas de usos e intervenções da gestão pública sobre determinadas práticas de esporte, (figura 00) o que nos revela as ambivalências do território da praia e a presença da *ordem urbana*, a partir da imposição de normas, e o desafio do encontro de um lugar *comum* e, portanto, uma experiência de liberdade, diante da diversidade de usos da praia e preferências dos habitantes.

RIO

Contra as bandalhas na areia

Prefeitura prepara combate a rodas de altinho e jogos de frescobol irregulares nas praias

André Botelho

Carol Ribeiro e Thais Brito

A proibição de jogos com bola na faixa de areia próxima à água nas praias do Rio, que está prevista para entrar em vigor no dia 1º de dezembro, deve acabar com as rodas de altinho e com as partidas de frescobol que, apesar de marca registrada da orla carioca, atrapalham a vida dos frequentadores e oferecem risco aos banhistas. Em fins de semana de sol a pino e praias cheias, são comuns os casos de pessoas, em especial crianças, machucadas com bolas, raquetadas e até chutes. Para garantir a eficiência do choque de ordem na orla, o secretário especial de Ordem Pública, Rodrigo Bethlem, já está adotando uma série de providências, como o aumento, de 96 para 400, do número de guardas municipais que vão atuar exclusivamente nas praias do Rio. Os "bandalhas" da areia estão entre as principais reclamações que são recebidas pela prefeitura durante o verão.

Em alguns casos, os jogos chegam a atrapalhar quem apenas quer circular pela areia, como no último sábado, quando havia uma espécie de corredor de rodas de altinho — cerca de dez —, uma ao lado da outra, na beira do mar na Praia de Ipanema, na altura do Posto 9. A lei proíbe a prática do altinho das 8h às 17h (uma hora a mais do que o estipulado para o frescobol). Bethlem diz que os pais com crianças pequenas são os que mais reclamam dos jogos fora da área permitida. Para impedir os abusos, a equipe de fiscalização ganhará novos recursos.



JOGO DE ALTINHO perto do mar em Ipanema

Marcos Moraes

A proibição de jogos com bola na faixa de areia próxima à água nas praias do Rio, que está prevista para entrar em vigor no dia 1º de dezembro, deve acabar com as rodas de altinho e com as partidas de frescobol que, apesar de marca registrada da orla carioca, atrapalham a vida dos frequentadores e oferecem risco aos banhistas. Em fins de semana de sol a pino

Figura 15

Reportagem do Jornal O globo (2009) sobre a proibição das rodas de altinho e partidas de frescobol nas praias do Rio, que "apesar de marca registrada da orla carioca", segundo a notícia, "atrapalham a vida dos frequentadores e oferecem risco aos banhistas".

Portanto, a partir dessas reflexões surge a questão: A praia seria simultaneamente uma expressão das estruturas sociais que co-produzem as subjetividades ou seria ela mesma uma das instâncias co-produtoras? Uso da hipótese que a construção das identidades individuais é estruturada pelas relações dinâmicas entre instituições e agentes sociais distintamente dispostos em função da sua visibilidade e recursos disponíveis (SETTON, 2002)²⁷. A autora considera a família, a escola e as mídias como as instâncias produtoras de valores culturais e referências identitárias que mediam a construção das individualidades. Se pensarmos a praia como uma instituição pública, ela também poderia ser considerada umas destas instâncias?

Partindo da análise da praia urbana como uma instituição pública. (MAFFESOLI, 2006) e identificando a influência da ordem urbana no engendramento das relações nesse espaço, podemos refletir sobre a relação entre a instância pública e privada que se revela na faixa de areia. Tendo em vista que encontramos a expressão do privado - as subjetividades e o comportamento individual - em meio comum, podemos entender a relação entre as dinâmicas sociais e a produção de valores culturais e referências identitárias. O processo da construção das identidades individuais estruturado pelas relações dinâmicas entre instituições e agentes sociais (SETTON, 2002) pode ser pensado a partir do conceito de habitus (BOURDIEU, 1992), como instrumento conceitual auxiliar, para pensarmos a relação entre condicionamentos sociais exteriores e a subjetividade dos sujeitos. Sendo uma noção para pensarmos as “ características de uma identidade

social, de uma experiência biográfica, um sistema de orientação ora consciente ou inconsciente [...] uma matriz cultural que predispõe os indivíduos a fazerem suas escolhas” (SETTON, 2002, p. 61) e, portanto, para compreendermos a perspectiva da praia como uma destas instâncias socializadoras.

Partindo da hipótese de que a praia urbana do Rio de Janeiro pode ser considerada uma instituição pública e, portanto, uma instância socializadora, a medida que exerce influência no comportamento dos indivíduos dentro e fora dela. Podemos observar a existência de uma co-relação entre a praia carioca e os outros espaços urbanos da cidade, frente às culturas de usos nas praias que servem à especulação e ao crescimento imobiliário, que influenciaram nas intervenções da reforma urbana de Pereira Passos (1902-1906) na cidade (como apresentado no capítulo um), como também nos hábitos sociais da vida cotidiana dos habitantes.

Nas cidades, o indivíduo poderia recorrer a "espaços de celebrações" inventados que compartilham das emoções consolidadas pelos grupos urbanos, onde se atualizam um sentir comum e um laço coletivo, na intenção de marcar o pertencimento. (HUGUENIN, 2019) Nesse sentido, podemos entender a praia como um lugar de pertencimento na cidade, aquele marcado pela presença da banalidade cotidiana (MAIA, 2015). No caso do Rio, o substantivo praia não designa somente um espaço, mas se refere a “ambiente, círculo de amizade, turma” (HOUAISS, 2004). O carioca não vai a qualquer praia, mas a uma praia específica e, mesmo nela, em trechos

preestabelecidos, fixados por uma percepção física (“postos”, barracas, edifícios) e simbólica de territórios que delimitam determinadas identidades e identificações. Maffesoli (2006) observa que em uma cidade como o Rio, onde a praia pode ser considerada uma instituição pública, a numeração de “Postos” permite a cada qual reconhecer o seu território, o que inauguraria um conjunto comunitário, mas com funções diversificadas. Segundo o autor, a sensação de pertencimento a um grupo, instituição ou lugar é a medida de diluição do individualismo. Assim, entendemos que a construção de um comum é possível na proximidade territorial, e que a partir da compreensão de determinadas formações de grupos urbanos, cuja marca é a ambiência partilhada de éticas, estéticas e costumes em um “destino comunitário” específico - no caso desta análise, determinadas praias ou espaços da faixa de areia da praia - poderia significar um investimento afetivo e passional de reconhecimento de si mesmo e do outro. É nesta ambiência comum, a partir de um sentimento de pertencimento e identificação simbólica que podemos compreender “a inter-relação entre observações e teorias de usos que o homem faz do espaço como uma elaboração especializada da cultura” (HALL, 2005, p.1) **Nesse contexto, a praia carioca pode figurar o espaço do encontro possível na cidade, mas que é utilizada e representada a partir e através da diferenciação, onde diferenças repartem o território.** Nesse sentido, poderíamos compreender a praia como um espaço de liberdade - aquele que seu território é praticado a partir da abertura à transformação, que é feito e refeito a cada relação e compreende a

diversidade, negociando constantemente os limites pessoais e o espaço *comum*.

O estilo carioca praiano, pode ser compreendido, enquanto um estilo de vida, um produto sistemático dos *habitus* que, percebidos em suas relações mútuas, segundo as dinâmicas do *habitus*, torna-se um sistema de sinais socialmente qualificados (BOURDIEU, 2007). Nesse sentido, a praia é um espaço público vinculado a significados, sinais de indicadores de pertencimento e símbolos fronteiriços de distinção.

Bourdieu compreende o conceito de *habitus* como:

[...] um sistemas de disposições duráveis e transponíveis que, integrando todas as experiências passadas, funciona a cada momento como uma matriz de percepções, de apreciações e de ações - e torna possível a realização de tarefas infinitamente diferenciadas, graças às transferências analógicas de esquemas [...] (Bourdieu, 1983, p.65)²⁸

Portanto, podemos entender a partir de *habitus* que o indivíduo e o social e o subjetivo são mediados a partir do coletivo. Desta forma, o condicionamento do comportamento dos indivíduos e a limitação do exercício da liberdade em um espaço específico, está sob influência de forças intangíveis de ordem social e urbana que superam as características físicas e formais do espaço. Tomando as praias urbanas da zona sul do Rio de Janeiro como um recorte espacial em um contexto radical de segregação urbana,

26. afeto também no sentido de afetar, a tingir, afligir, causar abalo.

27 e 28. SETTON, Maria da Graça. A teoria do *habitus* em Pierre Bourdieu: uma leitura contemporânea. São Paulo. Revista brasileira de educação, n. 20, 2002.

podemos notar que as características do sistema de hierarquização, próprias da estrutura social deste contexto, serão espacializadas na faixa de areia a partir da divisão do espaço em diferentes territórios e atravessarão as escolhas dos indivíduos na apropriação do espaço à beira-mar. Ao mesmo tempo que dá lugar ao encontro dessa diversidade. Nesse sentido, podemos entender que diferenças de classe contornam diferentes usos e representações de códigos relacionais, mas na interpretação de usos na praia - lugar de ambivalências, onde os códigos podem ser invertidos e/ou borrados, parece relevante articular a perspectiva de classe às divisões geográficas da cidade, mas também às dimensões sensíveis do território praticado, no que tange as práticas, o prazer e os afetos espacializados na praia urbanizada.

Sendo assim, propomos um diálogo entre as apreensões sobre *o território praticado* da praia urbanizada da zona sul carioca, a partir da pesquisa bibliográfica exploratória, com a referência projetual “A praia e o tempo” do arquiteto Pedro Varella, no próximo capítulo. Em suma, interpretam-se *habitus* nas praias cariocas, também da perspectiva deste referencial projetual, buscando compreender a totalidade social (RIBEIRO, 2003) - o cotidiano, o saber local, a cultura territorializada e a ação social - de maneira aproximada ao estudo de caso. Além da sua totalidade espacial - espaço, objetos e ações (SANTOS, 1997).

Grupos demarcam territórios à beira-mar

Funkeiros da Baixada Fluminense, usuários de maconha, bebês, gays, mauricinhos e patricinhas: a praia é de todos

Edgar Arruda

• Não foi preciso discussão no Congresso, lobby junto a políticos, nem protestos. Democraticamente, pouco a pouco, eles foram se instalando com suas barracas, tangas — e apitos. Pronto. Sem que se saiba exatamente como, o espaço mais privilegiado do Rio — a praia — sofreu um processo de demarcação de "areias indígenas". É só chegar o verão e um

bando de tribos se espalha pela orla da Zona Sul de cada um bem os caminhos que levam a seus trechos

No Posto 9 cius de Morra a ocupação tiora as notas Com eles, os local alertava da polícia, ter livre para o nha. O desafio política em di "Nove e Meio géllica e a Mar conha conti atenções:

— É um ab dade violenta se preocu sujeito com menta o estu enquanto pre maconha. — tinuar, a gente praia, mas ni fumar macon

Há quem gá Nove não é fo amigos desse

de esquerda se reuniram, naquela época para discutir de tudo.

Se no Nove o som sai de apitos, no Arpoador a música vem dos alto-falantes dos grandes rádios, marca registrada dos grupos de funkeiros que frequentam a praia ali. As galeras chegam em grupos e sempre a partir das 11h. Já que a maioria vem de bairros da Baixada Fluminense. Na areia, os jovens improvisam pequenos bal-

ões funk e ouvem os rádios

• Não foi preciso discussão no Congresso, lobby junto a políticos, nem protestos. Democraticamente, pouco a pouco, eles foram se instalando com suas barracas, tangas — e apitos. Pronto. Sem que se saiba exatamente como, o espaço mais privilegiado do Rio — a praia — sofreu um processo de demarcação de "areias indígenas". É só chegar o verão e um bando de tribos se espalha pela orla da Zona Sul. Os partidários de cada uma delas conhecem bem os caminhos que levam a seus trechos semi-exclusivos.



(BA), Emerson e Marcos no Arpoador, onde funkeiros se encontram e dançam ao som do funk que ouvem em alto volume nos rádios

Arl Lago



NO POSTO 9, um rapaz fuma maconha despreocupado com a polícia

Se a tribo dos funkeiros traz inquietação para os moradores, que ainda se lembram do arrasão de dois anos atrás, existe um *point* em que os frequentadores só provocam manifestações de carinho. Também pudera: eles têm, em média, 1 ano de idade. O Baixo Bebê fica no Leblon, em frente à Rua General Venâncio Flores. Mamadeiras em punho, o consumo de água de coco é intenso. Pelo menos até 10h, quando

ONDE CADA UM PODE ENCONTRAR OS SEUS IGUAIS

• A seguir, uma relação de onde as principais tribos estão se encontrando nas praias do Leblon e de Ipanema.

Posto 12

• É nesse ponto do Leblon onde se encontram os surfistas, nos dias de mar forte e boas ondas. Apesar da pequena faixa de areia, de manhã o lugar costuma ser frequentado por moradores do bairro.

Rua General Venâncio Flores

• Em frente a essa rua no Leblon fica o chamado Baixo-Bebê. Os integrantes da tribo têm entre 40 dias e 3 anos de idade. É comum se comemorar aniversários no local, onde haverá um grito de carnaval mirim. Por causa do Sol, a turma costuma voltar para casa às 10h.

Posto 11

• Próximo ao Canal do Jardim do Alah, ainda no Leblon. É frequentado por funkeiros do subúrbio e moradores da Cruzada São Sebastião. Gostam de dançar e correr na areia, com seus radios enormes. Costumam chegar cedo e saem no final da tarde.

Posto 10

• Mauricinhos e patricinhas se reúnem nesse trecho de Ipanema.

Posto 9

• Há muitas turmas espalhadas nesse pedaço da praia. Em direção ao Arpoador, encontram-se os remanescentes das "viagens" do pier e gente de meia idade. Rumo ao Leblon, estão os usuários de maconha.

Rua Farme de Amoedo

• Em frente a essa rua fica a tribo dos GLS (gays, lésbicas e simpaticantes). Não há qualquer tipo de preconceito contra a presença de heterossexuais, desde que não se incomodem com algumas cenas.

Posto 8

• Algumas galeras de funkeiros da Zona Norte se encontram ali.

Arpoador

• Pela manhã reúne moradores e surfistas. Após as 11h, torna-se território de funkeiros.

No Posto 9, entre as ruas Vinícius de Moraes e Joana Angélica, a ocupação teve como trilha sonora as notas agudas dos apitos. Com eles, os integrantes da tribo local alertavam para a chegada da polícia, tentando deixar a área livre para o consumo da maconha. O desafio à polícia causou polêmica e parte da turma se deslocou em direção ao chamado "Nove e Meio", entre a Joana Angélica e a Maria Quitéria. Lá, a maconha continua no centro das atenções:

— O Nove é uma mescla. É cult. Frequentado por pessoas inteligentes, preocupadas com a vida do país e que discutem todos os temas. Até a liberação das drogas — diz Hélio, sentado à sombra da Barraca do Uruguaio, principal referência do Nove.

Se no Nove o som sai de apitos, no Arpoador a música vem dos alto-falantes dos grandes rádios, marca registrada dos grupos de funkeiros que frequentam a praia ali. As galeras chegam em grupos e sempre a partir das 11h, já que a maioria vem de bairros da Baixada Fluminense. Na areia, os jovens improvisam pequenos bailes funk e ensaiam os passos

— Aqui é a praia dos funkeiros. Dos amigos. A gente vem de manhã e vai embora na hora que bate a fome — diz Ivanildo Oliveira, de 18 anos, que, juntamente com Emerson Gonçalves e Marcos Vinícius Barreto, aproveitou para treinar alguns movimentos da "Dança da bundinha", hit no mundo funk.

— É um absurdo que, numa cidade violenta como o Rio, a polícia se preocupe em prender um sujeito com "baseado" — argumenta o estudante R., de 23 anos, enquanto prepara um cigarro de maconha. — Se a repressão continuar, a gente acaba mudando de praia, mas ninguém vai parar de fumar maconha por causa disso.

Grupo alega que apitação nasceu para criticar polícia

Violência seria o alvo de protesto dos jovens

• Os apitos chegaram ao Posto 9 graças à ação de um grupo de 15 estudantes, que se dizem anarquistas. Segundo eles, a idéia surgiu como forma de protestar contra a violência policial e não de alertar os usuários de maconha para a chegada da polícia. A história começou depois que o 23º BPM (Leblon) decidiu instalar uma cabine e, logo em seguida, uma barraca naquele trecho de Ipanema. Dias depois policiais prenderam rapazes que fumavam "baseados" e foram saudados com um sonora vaia, que originou uma violenta reação dos soldados.

— Se não podíamos votar, resolvemos apitar — diz C., irmã de uma das organizadoras do apitação. — Mas era um protesto contra a violência. Depois é que a idéia foi descaracterizada.

Figura 16:

Reportagem retirada do jornal O Globo, Janeiro, 1996.

Retrato da formação de **grupos urbanos**, revelando as **divisões de territórios nas faixas de areias das praias cariocas**. Podemos perceber que os grupos urbanos são formados a partir de **noções identitárias**, que o filósofo Maffesoli compreende como "tribos urbanas", que tem seu entendimento distorcido na reportagem. Podemos observar que o encontro de diversos grupos urbanos na faixa de areia, quando poderiam estabelecer uma relação de coexistência, **na prática, são estabelecidas divisões e conflitos no território, não só físicos, mas também morais**. O que revela **o contexto de segregação da cidade do Rio de Janeiro**, onde mesmo em um espaço onde é possível experimentar maior liberdade na cidade, encontra-se **disputas entre hábitos, usos, gostos e desejos**, que são moralizados pelas pessoas, mídias e Estado. Nesse sentido, podemos perceber uma postura contraditória na narrativa da reportagem analisada, uma vez que constrói a imagem da "praia democrática" carioca, tomando o sentido de coexistência entre as diferenças como positiva, ao mesmo tempo que atribui valor aos hábitos e práticas dos habitantes. Assim, observamos **conflitos, inclusive, entre as narrativas sobre a praia carioca**.

RIO



Uma festa para 4 milhões de pessoas

Prefeitura e hoteleiros esperam um público recorde nas areias de Copacabana no 'réveillon'

Antônio Werneck

• Em vez de cachês milionários, oferendas à rainha do mar: lemanjã vai ser a grande estrela da festa de réveillon deste ano na Praia de Copacabana. Nada intencional. Ao decidirem pelo cancelamento dos shows que marcaram os festejos de passagem de ano dos últimos cinco anos, a Prefeitura do Rio e os empresários ligados à rede hoteleira da cidade acabaram percebendo que estavam reagitando a origem do segundo maior evento do Rio, que só perde em popularidade para o carnaval. Depois da homenagem de tantas polêmicas ao maestro Tom Jobim, os organizadores preparam um réveillon que vai ser um tributo a orixá lemanjã dos cultos afro-brasileiros, que todos os anos é a grande atração para milhares de pessoas que procuram à orla marítima. lemanjã, a mãe digna dos torbanas, povo negro da África ocidental, agradece.

— Devemos essa homenagem a ela, enquanto discutimos se há necessidade

de realizarmos grandes e caros espetáculos em Copacabana — disse o francês Gérard Bourgoiseau, secretário municipal de Turismo do Rio, e que vive no Brasil há 40 anos.

A novidade foi anunciada ontem de manhã no Hotel Copacabana Palace, durante a apresentação de todo o esquema da festa de réveillon em Copacabana. Segundo os organizadores, ao todo quatro milhões de pessoas — o dobro do ano passado — estão sendo esperadas para a festa de réveillon que, como sempre, terá como ponto alto o espetáculo pirotécnico.

Serão 15 pontos de queima de fogos — quatro a mais do que em 1995 — espalhados em toda a extensão da Avenida Atlântica. A duração da queima de fogos também será maior: cerca de 40 minutos, com mais de 336 mil bombas de efeitos especiais, tiros de magnésio e morteiros.

As tradicionais cascatas localizadas no Hotel Méridien e nos fortes de Copacabana e do Leme completam a festa.

Ao todo, serão queimadas cerca de 15 toneladas de fogos.

— Em relação ao ano passado, os fogos deverão ter uma duração maior em cerca de 10 minutos — observou Francisco Grabowsky, vice-presidente da Associação Brasileira de Indústrias de Hóteis (ABIH).

Outra novidade neste ano será o concurso promovido pela rede hoteleira, que vai distribuir duas passagens Rio-Nova York-Rio para os vencedores do concurso de decoração de fachadas dos prédios localizados na Avenida Atlântica. A ideia é escolher a melhor decoração e fazer do evento uma atração a mais nos festejos de fim de ano.

— Os melhores serão escolhidos no dia 29 à noite e o prêmio será entregue no dia 30. Uma ideia que a Prefeitura já realizava na Lagoa e em outros pontos da cidade, que nós resolvemos implantar também em Copacabana — afirma Grabowsky.

Ricardo Várzea, subprefeito da Zona Sul, Tijuca e Vila Isabel, explicou que a

segurança do evento ficará por conta de cerca de 1.200 soldados da Polícia Militar e 400 guardas municipais, alguns bilíngües e treinados para atender aos turistas estrangeiros. Várzea explicou que o esquema do trânsito será anunciado hoje pela CET-Rio, mas adiantou que não haverá grandes mudanças.

— Devemos fazer apenas algumas alterações, mantendo a base usada no esquema do ano passado — afirmou.

O subprefeito da Zona Sul garantiu que a tranquilidade dos moradores e dos turistas — tanto o estrangeiro como o brasileiro de outros estados — será preservada. Ricardo Várzea disse que uma operação envolvendo funcionários da Coordenadoria de Licenciamento e Fiscalização do Município, soldados da PM e agentes da Guarda Municipal vai cobrir o comércio ambulante. Ele prometeu bloqueios a partir das 7h do dia 31 nas ruas transversais à Avenida Atlântica, evitando a instalação de barracas, carros e a permanência de vendedores ambulantes nas ruas. To-

das as mercadorias serão confiscadas.

— Vamos pôr grupos de guardas e fiscais em todas as 31 esquinas da Avenida Atlântica; e as entradas de Copacabana serão bloqueadas: Corte do Cantagalo, túnel Velho e Novo e as Ruas Rainha Elizabeth, Joaquim Nabuco, Francisco Sá e Francisco Otaviano — disse Ricardo Várzea.

Os ônibus de turismo poderão estacionar na Praia de Botafogo e no Parque do Flamengo, enquanto a partir das 21h do dia 31 todos os acessos a Copacabana estarão bloqueados, exceto para os ônibus (serão postas duas linhas auxiliares da SMTU), táxis, motocicletas, carros de emergência e de serviço. Veículos estacionados em locais proibidos serão rebocados pela PM.

Francisco Grabowsky informou que ainda há vagas nos hotéis da Zona Sul. Ele explicou que 65% dos 15 mil apartamentos já estão ocupados.

— Quem ainda não reservou sua vaga, tem que correr — concluiu Grabowsky. ■

“ [...] Entre o povo da cidade do Rio de Janeiro, naturalmente festeiro, o hábito de se comemorar o réveillon na praia virou uma tradição mundialmente conhecida, que influenciou várias cidades litorâneas a fazer a mesma coisa. Há que se reconhecer, porém, que os cariocas devem grande parcela do costume da festa na praia aos umbandistas, que durante muitos anos ocupavam as areias praticamente sozinhos para louvar lemanjã - a orixá africana que se transformou na mais brasileira das deusas, miscigenada com a Nossa Senhora católica e a Uiara dos indígenas.

Era bonito ver a orla ocupada pelos terreiros e a noite iluminada pelas velas em louvor a lemanjã, tudo isso ao som de atabaques e cânticos misteriosos - verdadeiros presságios brasileiros de boa sorte. Quem chegasse perto, fosse umbandista, católico, espírita, evangélico, hindu, muçulmano, judeu, flamenguista, vascaíno, tricolor ou botafoguense, era muito bem recebido e ainda começava o ano novo devidamente garantido contra o infortúnio. Conheço muitos ateus que, por via das dúvidas, abriam uma exceção ao misticismo e garantiam o ano bom recebendo passes de caboclos e pretos velhos nas areias, com direito a cocares, charutos e quejandos.


A confraternização que todo ano ocorre em Copacabana é bacana, tem seus méritos, virou atração turística da cidade, atrai gente de tudo quanto é canto, gera divisas e garante a ocupação da rede hoteleira. é necessário, porém, colocar um pouco de água nesse chope dos entusiastas da festa atual e lembrar que o Rio de Janeiro tem um divida enorme com o povo da umbanda, que hoje se encontra praticamente excluído do fuzuê. Os shows de roqueiros, sambistas, astros pop, sertanejos, rappers, DJs de música eletrônica, revelações adolescentes cantoras baianas, blocos carnavalescos e o escambau, além de transformar a festa em um verdadeiro sarapatel sonoro, calaram os tambores rituais. A elitização da festa, que já se manifesta em espaços reservados nas areias, controlados por grupos privados, hotéis, quiosques e que tais, lembra muito o processo de mercantilização que atingiu as escolas de samba. [...]

SIMAS, Luiz Antonio. Pedrinhas miudinhas: ensaios sobre as ruas, aldeias e terreiros. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2013. grifo meu

Figura 17

Retrato da tradicional festa de final de ano no espaço da praia de Copacabana - um dos "espaços de celebração" da cidade - que gera encontros e confraternizações, ao mesmo tempo que divisas na faixa de areia quando é oportunizada também interesses privados.

Reportagem O globo, 1996.



CAPÍTULO 02

"A praia e o tempo" e a praia urbana

Figura 18

Colagem da instalação "A praia e o tempo" no local de projeto, a praia de Copacabana.

Acervo gru.a arquitetos

*“A praia é o lugar de ócio, de trabalho, de encontros, da sexualidade, da repressão, do sono, do jogo, do sol e de mais. Território da instabilidade, da transformação e da incerteza. Seu solo de areia fina se forma e deforma ao gosto do tempo e em função dos desejos. Uma pessoa ou várias? O cruzamento das pegadas nos confunde, indica múltiplas possibilidades, hipóteses que ocupam o imaginário e desafiam a previsão. Passa o dia, o vento e a maré para que, ao amanhecer, o território se faça disponível novamente, sempre aberto ao que virá. A praia faz pensar sobre o tempo, sobre uma forma de ser e deixar ser”.*²⁹

2.1 O projeto “A praia e o tempo” e a praia urbana

O projeto “**A praia e o tempo**”, concebido pelo arquiteto Pedro Varela, do escritório Gru.a arquitetos, surge como um dos motivadores da abordagem temática deste trabalho e será tomado como uma referência projetual que, além de nos incitar o desvelamento do paradoxo existente entre o imaginário da praia urbana carioca e o seu *território praticado*, nos instiga a refletir sobre a **interação entre arquiteturas e sociedade**, no que tange as relações identificadas no espaço, no caso desta pesquisa, a praia urbanizada.

A partir da pesquisa bibliográfica e documental apresentada nos capítulos anteriores, podemos perceber a praia como um espaço de ambivalências, uma vez que é entendida pelo senso comum como um *espaço de liberdade*, ao mesmo tempo que identificam-se desafios na construção de um *comum* e relações que denunciam um contexto de segregação radical da cidade. Portanto, sob a luz do entendimento da praia nesse contexto como *uma expressão social da ordem urbana* e tendo sido identificados *hábitos sociais* que se referem à praia urbanizada carioca, buscaremos compreender a relação entre o projeto “A praia e o tempo”, enquanto intervenção arquitetônica, e o território praticado da praia. **O que ele nos revela sobre hábitos sociais na praia urbana? Como esta operação tenciona ou libera relações neste território? O que podemos compreender sobre nexos entre espaços urbanos, arquiteturas e sociedade a partir dele? O que se entende da espacialidade da praia no que tange a relação entre as características formais e a (in)existência de elementos construídos com os comportamentos dos habitantes?** A partir destas questões podemos buscar compreender as relações proporcionadas por esta intervenção, mirando na compreensão principal desta pesquisa sobre quais aspectos proporcionam uma experiência de liberdade (ou constrangimento dela) no espaço da praia urbana.

O projeto se posiciona em um lugar mais experimental do campo da Arquitetura e Urbanismo, na fronteira entre as artes e a

arquitetura, podendo ser um interessante instrumento de investigação sobre dimensões invisíveis do território, nos instigando o desejo de deslocamento das perspectivas já estabilizadas sobre o território da praia urbana carioca. O que se pretende é uma investigação a partir do entendimento do campo de significados sugerido por este trabalho, que passa a ser deflagrado na externalidade do mundo, onde a relação distanciada entre o espectador e a obra é substituída pela **inter-relação entre obra, espectador e vida**. (FRANÇA, 2020)²⁹ A presença, mesmo que temporária, da instalação na faixa de areia já é por si só uma experiência interessante e improvável neste contexto, que desestabiliza a percepção sobre as experiências prováveis (hábitos) deste território, as quais podem passar despercebidas por serem naturalizadas.

Figura 19

Imagem que foi inspiração na concepção do projeto “A praia e o tempo”, retirada do livro “Nos tempos da Guanabara - Uma História Visual (1960-1975)”, de Paulo Knauss (2016).

Acervo gru.a arquitetos



2.2 Demarcação e o território

O primeiro gesto projetual que tomamos como ponto de partida da análise, é a operação de **demarcar uma área de trabalho na faixa de areia a partir da inserção de uma grande estrutura quadrilátera que delimita uma espacialidade, ao mesmo tempo que deixa um espaço a ser preenchido**, podendo se desdobrar em diferentes tipos de ocupação. Esta operação da arquitetura - de sublinhar uma área de areia específica - é atípica e pode gerar novas interações com o espaço da praia, em referência às que são experimentadas cotidianamente neste espaço, mas constituídas por operações que fazem parte desse universo (VARELLA, 2020). A estrutura constrói uma descontinuação na extensão da areia e serve como acolhimento ao público, o que nos desvela, como um recorte metafórico, a **presença de uma nova noção de ordem que envolve a experiência do espaço e pode interferir no comportamento dos visitantes**, possibilitando uma desestabilização, em certa medida, do *modus operandi* daquele espaço.

Nesse contexto, vislumbram-se novas possibilidades de interações entre os habitantes. Segundo o arquiteto responsável pela instalação, ela **se abre para as imprevisibilidades do tempo, das pessoas e das suas necessidades, o que nos sugere maior diversidade de usos e interações possíveis com o espaço e, portanto, uma experiência de maior liberdade**. Portanto, a inespecificidade pretendida deste trabalho está no sentido que é prevista uma plataforma que sugere “camadas”, mas que apenas sua apropriação pode desvelar

muitas outras que não foram previstas diretamente. Nesse contexto, podemos entender a apresentação da performance desenvolvida pela coreógrafa Julie Desprairies na área do projeto, como uma das situações improváveis e fator atraente nesta nova espacialidade, que gera um novo movimento: a aglomeração de pessoas naquele determinado espaço e tempo, e um novo uso da faixa de areia como palco de um espetáculo - desafiando o nosso imaginário sobre as situações possíveis à beira-mar, mesmo que temporariamente.

29. FRANÇA, Ana Marcela. Paisagem e natureza na arte contemporânea: ressignificações do espaço e experiência da obra, Revista PRUMO, Vol. 5, nº8, 2020.

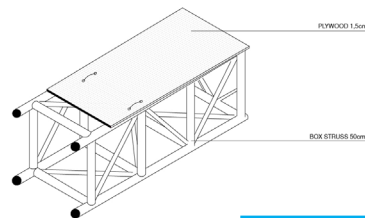
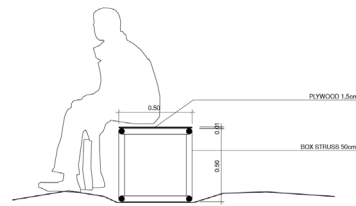


Figura 20

Detalhe estrutura, acervo gru.a

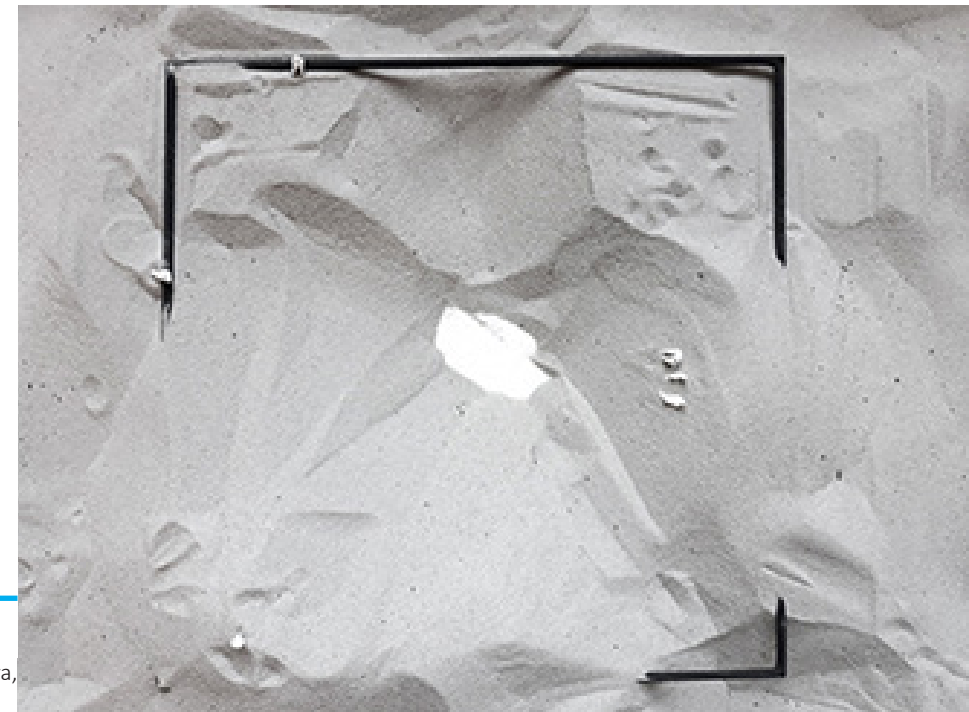


Figura 20.1

Modelo físico de estudo, acervo gru.a

Figura 21

Reunião de pessoas assistindo a performance na instalação em meio a faixa de areia com a cidade ao fundo.

acervo gru.a



Figura 23

Paisagem composta pelos banhistas, faixa de areia, instalação e a cidade ao fundo.

acervo gru.a

Figura 22

Nova paisagem da praia com a inserção da instalação e habitantes utilizando a estrutura construída como assento,

acervo gru.a



Figura 24

Crianças interagindo com a estrutura,

acervo gru.a

2.2 Deslocamento e o território

A segunda operação da instalação se dá a partir do reposicionamento da matéria existente no local – areia e água – gerando uma nova paisagem topográfica que se transforma ao longo da duração do evento. Podemos notar que essa possibilidade de deslocamento da matéria neste espaço só é possível pelas características específicas destes materiais. A começar pela areia que apresenta característica essencialmente porosa e moldável em adicional com a fluidez da água, poderíamos entender a praia como um espaço essencialmente flexível e aberto à diversas possibilidades de usos e apropriações. Ao mesmo tempo que flexível, há, em certa medida, uma estabilidade neste espaço. A força constante e cíclica da natureza, própria da praia, reconfigura a espacialidade à forma inicial e natural, fazendo deste espaço um sítio desafiador para se estabilizar intervenções arquitetônicas. Assim, podemos entender que o universo biofísico da praia está em constante modificação, apresentando uma dinâmica de permanências e impermanências que independente das ações humanas diretas sobre ele, as mutações serão sempre uma constante.

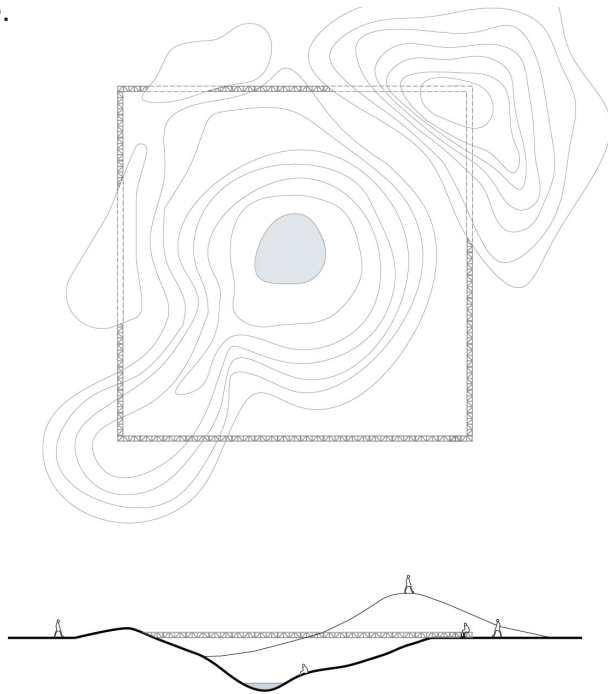


Figura 25

Planta esquemática e corte longitudinal, acervo gru.a



Figuras 26 e 27

Fotos do processo construtivo, acervo gru.a



Figuras 28 e 29
Aproximação e interação com a
materilidade da praia,
acervo pessoal.

Este gesto projetual elucidada que a força da ordem tectônica e formal da praia contribui para a construção do imaginário da praia como um lugar de liberdade. Nesse sentido, compreendemos que a invenção da praia como um espaço de liberdade (e até da libertinagem) se relaciona com sua característica formal naturalmente livre e aberta, que corrobora para uma expectativa de mobilidade, respiro, tempo livre e liberdade comportamental. Porém, na vida cotidiana, podemos notar forças de ordem urbana que atravessam este espaço e superam sua forma imprecisa, limitando o comportamento livre e o exercício da liberdade dos indivíduos nestes espaços. Dito isto, a apreensão da ordem urbana no espaço público nos elucidada que a noção e força (poder) simbólica (BOURDIEU) de ordem urbana pode exercer uma força condicionante sobre o comportamento dos indivíduos situados, que supera o território-forma aberto à apropriação e o entendimento do senso comum da praia como um espaço de liberdade.

A reconfiguração do espaço por meio das interações físicas - a estrutura e a nova topografia da areia proposta pela instalação - suscetível ao movimento - criaram novas interações entre as pessoas e a praia. Dito isto, podemos perceber que essa instalação transforma a paisagem conhecida da praia, onde elementos da geografia do lugar se tornam parte do projeto arquitetônico, criando tensões quando entendemos arquitetura e a sua localização como dois elementos separados. Nesse sentido, poderíamos compreender a nova paisagem como um “enunciado cultural” (Cauquelin, 2007), que poderia nos revelar uma construção cultural sobre o espaço, e a compreensão da espacialidade proposta pelo projeto e a vivida pelos habitantes estaria entrelaçada ao entendimento de praia que se tem neste contexto sociocultural.

2.4 Nova espacialidade na praia urbana

Segundo o arquiteto, **a intenção do projeto foi que a configuração espacial mudasse ao longo do tempo.** Durante o período de 14 dias de existência do trabalho, os aclives e declives da topografia inicialmente fabricada por eles foram se modificando lentamente, seja pela ação humana ou por fatores atmosféricos como a chuva, o vento, o sol, assim como acontece no cotidiano da praia. Assim, a paisagem mudava totalmente se o dia estava mais ou menos úmido, com ventos mais ou menos intensos. A estrutura de demarcação potencializava essa experiência através do contraste com a topografia, servindo como parâmetro que permitia mensurar as sutis alterações no solo de areia. **A instalação visava recriar o próprio espaço, não se encerrando em sua própria espacialidade material, nos revelando que o lugar que aloja o objeto artístico não é algo independente do trabalho, ele mesmo é parte do trabalho.** No caso, a instalação explora o espaço da praia e se apresenta ali, ao longo da sua existência, uma nova temporalidade e espacialidade dentro do espaço da praia.

A partir desta nova espacialidade, podemos entender que mesmo a praia sendo, em certa medida, um lugar instável e inapreensível, o habitante, a praia e a instalação se tornam partes distintas, mas indissociáveis que constituem a totalidade da paisagem “natural” reconfigurada da praia e revelam noções sobre a categoria *praia urbanizada* e a impossibilidade de analisarmos os espaços urbanos sem considerarmos as diversas forças que o atravessam. Construindo um paralelo com o nosso objeto de análise, podemos refletir sobre a categoria *praia urbanizada* como um ambiente natural que ao ser habitado, culturalizado, modificado pelo trabalho

humano, atravessado pelo sentido público e pela ordem urbana pode ser entendido como um objeto de análise da arquitetura e urbanismo.

A análise do projeto nos revelou importantes questões sobre nexos entre arquitetura, espaço público e hábitos sociais, através das reflexões incitadas sobre o território praticado da praia, ao mesmo tempo que nos questionamos quais outras novas interações e relações foram engendradas a partir, e ao longo da duração da instalação, e das novas espacialidades criadas por ela na faixa de areia. Percebemos que a perspectiva sobre o território praticado deste projeto, que poderia nos revelar mais relações de importante compreensão sobre os espaços urbanos e hábitos, é invisível em sites de referência no campo da Arquitetura e Urbanismo, em que encontramos documentos sobre o projeto em questão. Nesse sentido, identificamos uma prática do campo de olhar intervenções e possíveis aberturas a importantes debates sociais e desconsiderá-los enquanto análise. Isto é, podemos avaliar essa constante como sintoma de um cultura (ou até um habitus) de discutir a dimensão da materialidade física do processo da intervenção desarticulada da materialidade social implicada, que atravessa a própria percepção e comportamento frente a instalação. Nas reportagens e matérias são destacados: a descrição resumida sobre as operações principais do projeto (demarcação e realocação), poucas especificidades da estrutura, o local, evento, ano, autores e fotografias que, em sua maioria, apresentavam enquadro aproximado à obra e pouco revelavam sobre o contexto/território. Nesse contexto, sentimos falta de análises sobre como as pessoas perceberam e vivenciaram a nova espacialidade, seja através da observação e/ou através da interlocução com estas, para além de análises da instalação, do

design, seja através da observação, para apreensão e compreensão de como este tipo de intervenção efêmera arquitetônica, pode intervir no cotidiano da praia.

Portanto, ratificamos a relevância de se olhar para os territórios sob a perspectiva de território praticado enquanto uma prática do campo que pode tencionar práticas sociais. Além de acreditarmos que produções sob esse olhar miram na construção de materiais acadêmicos que corroboram para a concepção de projetos desvincilhados de um pensamento e ação homogeneizante, à medida que consideram as especificidades do contexto inserido, as significações políticas e a diversidade que atravessam os espaços, se afastando da perspectiva de interesses coletivos estáveis ou de modelos universalizantes.



Figura 30
Print da página de apresentação do projeto "A praia e o tempo" no website do grua.a.



projetos ISSN 2595-4245

buscar em projetos ok
arquivo | expediente | normas selc

223.03 arquitetura efêmera ano 19, jul. 2019

A praia e o tempo

Praia de Copacabana, Rio de Janeiro RJ Brasil, 2018.
Gru.a Arquitetos [Pedro Varella]



A praia e o tempo, praia de Copacabana, Rio de Janeiro RJ Brasil, 2018. Arquiteto Pedro Varella / Gru.a Arquitetos 1/7
Foto divulgação / disclosure image [Acervo / Collection Gru.a Arquitetos]



A praia é o lugar de lazer, trabalho, encontros, sexualidade, repressão, descanso, brincadeiras, sol e muito mais. É a zona de instabilidade, transformação e incerteza. Seu chão de areia fina muda de forma várias vezes ao longo do tempo e em função dos desejos. Uma pessoa ou várias? As pegadas nos confundem, indicam múltiplas hipóteses que preenchem nosso imaginário e desafiam qualquer tipo de previsão. É preciso passar o dia, o vento e a maré para que, ao amanhecer, o território volte a estar disponível, sempre aberto ao que está por vir. A praia faz você pensar no tempo, em um jeito de ser e deixar de ser.

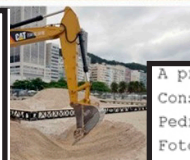
A praia é o lugar de lazer, trabalho, encontros, sexualidade, repressão, descanso, brincadeiras, sol e muito mais. É a zona de instabilidade, transformação e incerteza. Seu chão de areia fina muda de forma várias vezes ao longo do tempo e em função dos desejos. Uma pessoa ou várias? As pegadas nos confundem, indicam múltiplas hipóteses que preenchem nosso imaginário e desafiam qualquer tipo de previsão. É preciso passar o dia, o vento e a maré para que, ao amanhecer, o território volte a estar disponível, sempre aberto ao que está por vir. A praia faz você pensar no tempo, em um jeito de ser e deixar de ser.

Casa de Jajja
223.02 habitação
unifamiliar
Residência RRC



A praia e o tempo, praia de Copacabana, Rio de Janeiro RJ Brasil, 2018. Arquiteto Pedro Varella / Gru.a Arquitetos
Foto divulgação / disclosure image [Acervo / Collection Gru.a Arquitetos]

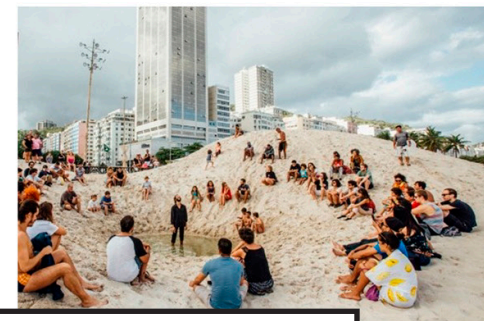
A nona edição do Tempo_Festival do Rio de Janeiro - apresentada e concebida pelo arquiteto Pedro Varella - apresenta performances criadas pelo Grupo de Arquitetos Gru.a, que estão participando do Festival de Arquitetura do Instituto Francês do Brasil, que aconteceu em 2018 durante o festival, e está programado para continuar em 2019 na França.



A praia e o tempo, praia de Copacabana, Rio de Janeiro RJ Brasil, 2018. Arquiteto Pedro Varella / Gru.a Arquitetos
Foto divulgação / disclosure image [Acervo / Collection Gru.a Arquitetos]

A instalação "A praia e o tempo" é estruturada por duas operações combinadas: demarcar e realocar. A primeira consiste na inserção de uma grande estrutura quadrilátera de 31m x 31m de largura por 50cm de altura para estabelecer os limites da área de trabalho, servindo de suporte para a recepção do público. A segunda ocorre a partir do movimento da matéria existente no local - areia e água - que, quando reposicionada, dá origem a uma nova paisagem topográfica. Combinadas, as duas operações geram um cenário que muda gradualmente ao longo do Tempo_Festival.

223.04 arte sacra
Tapeçarias para a Igreja Espírito Santo do Cerrado
Ariel Lazzarin



A praia e o tempo, praia de Copacabana, Rio de Janeiro RJ Brasil, 2018. Arquiteto Pedro Varella / Gru.a Arquitetos

A praia é o lugar de lazer, trabalho, encontros, sexualidade, repressão, descanso, brincadeiras, sol e muito mais. É a zona de instabilidade, transformação e incerteza. Seu chão de areia fina muda de forma várias vezes ao longo do tempo e em função dos desejos. Uma pessoa ou várias? As pegadas nos confundem, indicam múltiplas hipóteses que preenchem nosso imaginário e desafiam qualquer tipo de previsão. É preciso passar o dia, o vento e a maré para que, ao amanhecer, o território volte a estar disponível, sempre aberto ao que está por vir. A praia faz você pensar no tempo, em um jeito de ser e deixar de ser.

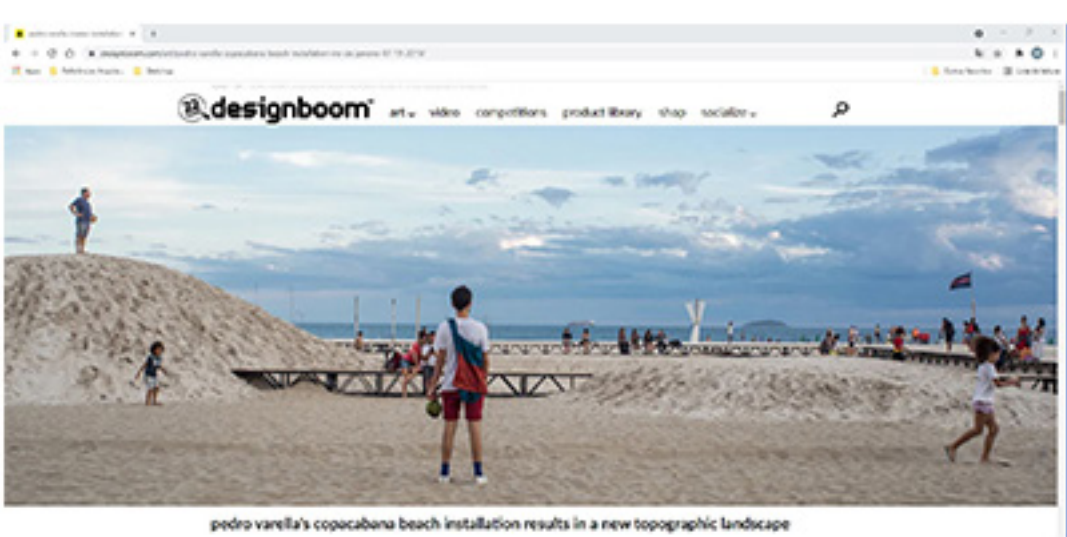
curadoria
Tempo Festival
coreografia
Julie Desprairies
fotos
Divulgação / Gru.a - Grupo de Arquitetos

comentários

© 2000-2021 Vitruvius. As informações são sempre responsabilidade da fonte citada. Todos os direitos reservados.

A praia e o tempo, praia de Copacabana, Rio de Janeiro RJ Brasil, 2018. Construção: posicionamento de estrutura e movimentação de areia. Arquiteto Pedro Varella / Gru.a Arquitetos
Foto divulgação / disclosure image [Acervo / Collection Gru.a Arquitetos]

A instalação "A praia e o tempo" é estruturada por duas operações combinadas: demarcar e realocar. A primeira consiste na inserção de uma grande estrutura quadrilátera de 31m x 31m de largura por 50cm de altura para estabelecer os limites da área de trabalho, servindo de suporte para a recepção do público. A segunda ocorre a partir do movimento da matéria existente no local - areia e água - que, quando reposicionada, dá origem a uma nova paisagem topográfica. Combinadas, as duas operações geram um cenário que muda gradualmente ao longo do Tempo_Festival.



pedro varella's copacabana beach installation results in a new topographic landscape

artist and architect pedro varella has created an installation that rests on the sands of rio de janeiro's famous copacabana beach. the piece, titled 'the beach and the time', is organized by two combined operations: demarcating and monitoring. the first involves the creation of a large (10 x 10 meter (33 x 33 ft) and 10 centimeter (3.9 in) high) quadrilateral structure. this not only demarcates the activity, but also serves as a multi-functional platform for the public to engage with. the second operation occurs from the movement of the site's existing water, sand and water, varella re-positioned these elements to create a new topographic landscape.

the crossing of irregular contour surfaces, indicates multiple possibilities, spaces that invite the imagination and defy the possibility of prediction. varella continues, 'in the day you go to show the wind and the tide as they all down, the territory becomes available again, almost open to what will come. the beach makes you think about time, about a way of being and not being. both pedro varella and julia desprairies are participating in the french institute of art's artistic residency program, which took place in 2018 during the festival and is scheduled to continue in france in 2019.



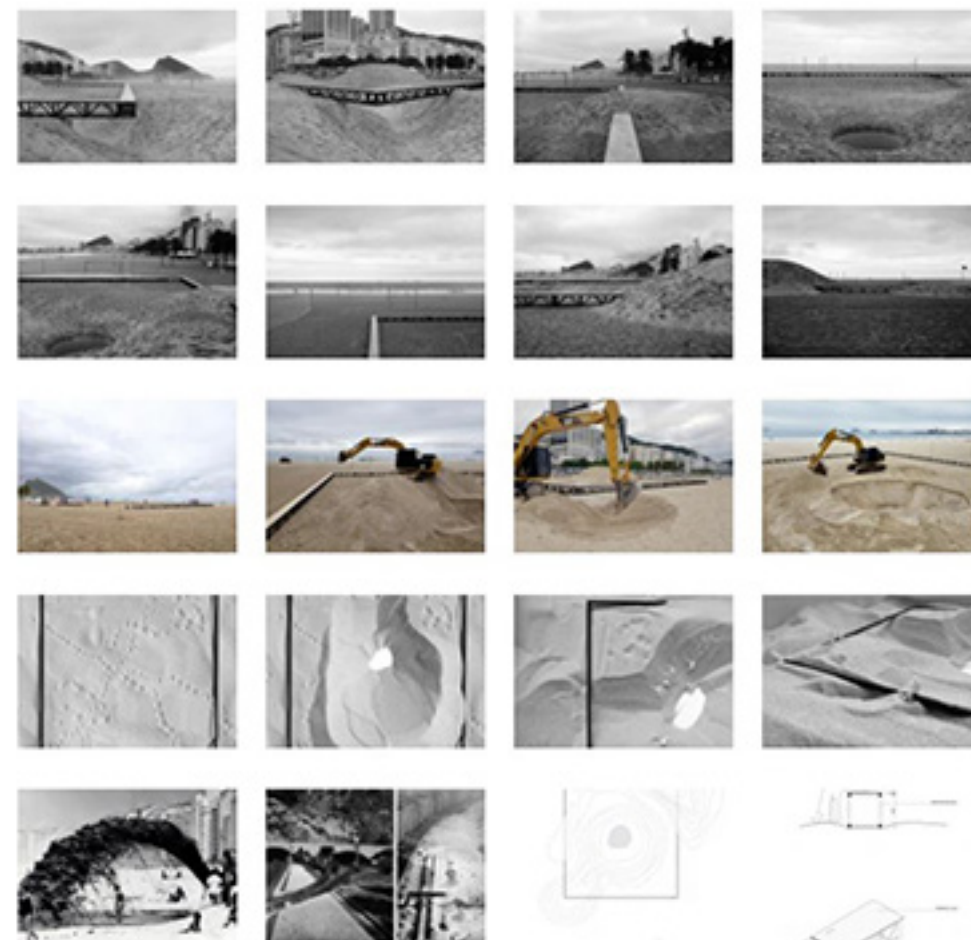
Image by rafael salim



the project formed part of rio de janeiro's tempo festival, which took place in october 2018. as part of the event, the installation hosted a performance by french choreographer julia desprairies. the artwork was designed to evolve over the course of the festival with the public encouraged to interact with the altered landscape. 'the beach is the place of leisure, work, meetings, sensual experiences, sleeping, playing, the place of the sun and much more', says varella, who is a founder of rio de janeiro-based firm gru.a architects.



Image by rafael salim



project info:

name: a praia e o tempo / the beach and the time

architect: gru.a (grupo de arquitetos)

location: copacabana, rio de janeiro, brazil

conception: pedro varella

performance: julia desprairies

development of the project: gru.a (grupo de arquitetos) — pedro varella, caio calafate, andré cavendish, júlia

carreiro, and isadora tebaldo

engineering consultant: rodrigo affonso

realization: tempo festival and instituto francês do brasil

sponsor: oi - secretaria de estado de cultura do rio de janeiro - governo do rio de janeiro - lei estadual de incentivo à cultura

support: secretaria municipal de cultura - prefeitura da cidade do rio de janeiro

photography: elisa mondes, rafael salim

Figura 32

Print da página de apresentação do projeto "A praia e o tempo" no website Design Boom.

Disponível em: <https://www.designboom.com/art/pedro-varella-copacabana-beach-installation-rio-de-janeiro-07-19-2019/>

CAPÍTULO 03

Conclusões

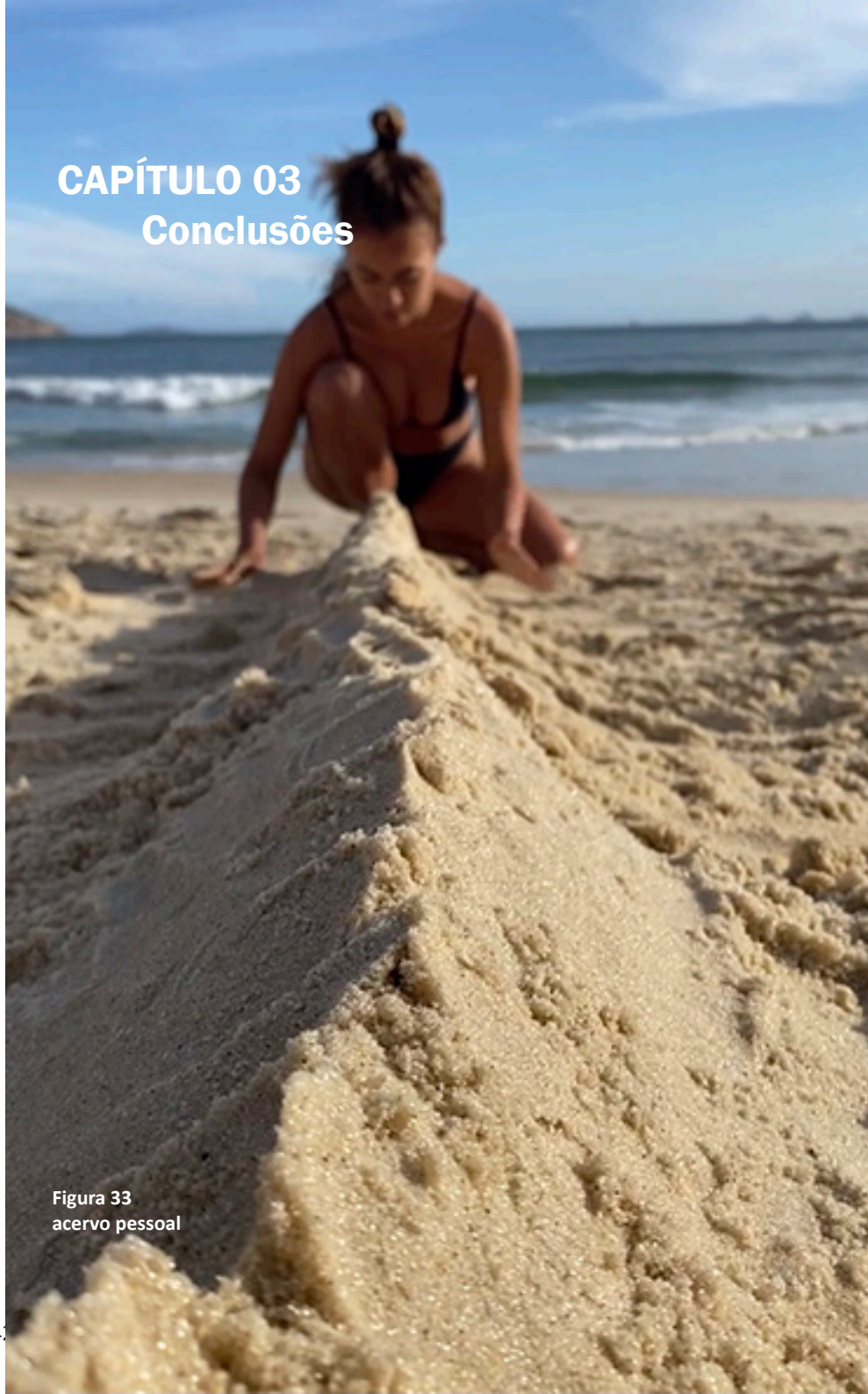


Figura 33
acervo pessoal

Conclusões

A problematização da relação entre hábitos e espaços públicos é impulsionada pelo desejo de co-criar espaços geridos de maneira compartilhada e autônoma, pelo vislumbre da construção de lugares de livre apropriação e negociação permanente, e por acreditar na potência das experiências a partir do espaço como micropolíticas sensíveis que resistem às lógicas do mercado e do Estado. Espaços de diversidade e do exercício de novas relações, centros sociais e socializadores, como a praia urbana carioca, podem ser ressignificados a partir da experiência atenta, onde o conflito pode ser transformado em potência - lugares com oportunidades de inclusão e acesso ao bem comum, lugares onde dimensões sensíveis, do desejo e prazer, podem se concretizar. Defender a experiência da liberdade nos espaços significa resistir às lógicas da categorização e segregação, proteger seu valor de usos na vida cotidiana e impedir que sejam sufocados pelos valores de troca da especulação imobiliária no meio urbano. Percebemos a urgência em proteger espaços de micropolítica, como a praia urbana, que podem estar em movimento e agenciamento constante, abertos para o indefinido, o porvir. Isto é, conectar a cidade aos espaços onde possa ser exercitado o exercício da liberdade, através da construção do comum, da abertura à diversidade.

Dito isto, buscamos compreender como a perspectiva da ordem urbana interfere ou age nesta correlação entre espaço público e hábitos sociais, através do estudo do espaço da praia urbana na zona sul carioca e nos deparamos com a potência do *paradoxo da praia urbana*: um espaço público, que não pode ser privatizado e devem permitir o livre acesso a todos e todas e que contribui para o entendimento do senso comum como um lugar onde pode se experimentar a liberdade. A partir da aproximação sobre o território praticado das praias cariocas, pudemos perceber que certos grupos escolhem certas praias ou determinados espaços da faixa de areia de uma praia, a partir de ligações identitárias e, a partir disso, são estabelecidas relações ambivalentes no espaço, que condicionam e co-produzem hábitos

sociais, ao mesmo tempo que os colocam em conflito e disponíveis à transformação.

Compreendeu-se que diferenças de classe contornam diferentes usos e representações de códigos relacionais, mas **na interpretação de usos na praia - lugar de ambivalências, onde os códigos podem ser invertidos e/ou borrados, parece relevante articular a perspectiva de classe às divisões geográficas da cidade**, mas também às **dimensões sensíveis do território praticado, no que tange às práticas, o prazer e os afetos espacializados na praia urbanizada**. Dito isso, entende-se que as experiências vividas neste território poderiam co-produzir a identidade praiana, que influenciaria o “estilo” ou os hábitos da chamada “estilo de vida carioca”. Portanto, **os hábitos sociais que se reproduzem na praia podem ser analisados e problematizados como uma expressão social da ordem urbana** e, assim, acompanham os embates sociais inerentes ao meio urbano ao longo do tempo. A partir de *habitus*, podemos compreender que o indivíduo e o social são mediados a partir do coletivo e, desta forma, o condicionamento do comportamento dos indivíduos e a limitação do exercício da liberdade em um espaço específico, está sob influência de forças intangíveis de ordem social e urbana que superam as características físicas e formais do espaço.

Nesse sentido, o caráter público da praia contribui para a manutenção do ideário da praia como um espaço de liberdade, porém, na prática, não garante uma experiência de liberdade neste espaço, tendo em vista as ações ambíguas da gestão pública sobre os usos na praia, que oscilam entre interesses públicos e privados. Além de que a esfera pública - idealizada como um espaço de igualdade e acesso a todos e todas, onde encontramos o *comum*, está submetida aos ideais das pessoas que compõem ou controlam esses espaços em conflito, que apresentam divisas por limites e barreiras simbólicas (SERPA, 2013) e é produzido tal qual as subjetividades, sob signos do indivíduo, do privado, da acumulação e do controle (GUIZZO, 2019). Portanto, **entendemos que a experiência de liberdade no espaço da praia**

urbanizada não está dada a partir do seu sentido público, mas que está em constante disputa: ora o espaço da praia pode proporcionar experiências de liberdade aos corpos, ora proporciona experiências limitantes. Sendo um espaço intensamente usado por diferentes parcelas da população, nas situações onde as praias parecem agregar mais pessoas, na realidade acolhem e denunciam conflitos da nossa sociedade. Assim, **não caberia a praia urbana carioca uma noção categórica sobre ser ou não um espaço livre, uma vez que, submetida ao contexto de conflitos e segregações sociais próprios da ordem urbana da cidade, a abertura deste espaço à copresença das diferenças é oscilante**.

Nesta pesquisa, compreende-se que o modo como as pessoas se apropriam ou não dos espaços urbanos se relaciona com o modo de produção do espaço urbano e seu imaginário ao longo da história de uma determinada cidade, em que aspectos socioculturais são determinantes para compreensão desse processo. No contexto carioca desta análise, aspectos que revelam diferenciações e desigualdades, disputas entre limites individuais e públicos, que resultam na segregação espacial e na territorialização do espaço. Dito isto, entendemos que ações públicas a favor da diversidade contribuem para a minimização das divisões da sociedade e precisam ser consideradas na produção e gestão do espaço urbano, para a concretização de uma experiência de liberdade através das práticas cotidianas. Para Ascher (2010) um novo urbanismo precisa considerar uma diversidade complexa de interesses que dificilmente podem se materializar em interesses coletivos estáveis e aceitos por todos ou em modelos universalizantes.

A partir da análise do projeto “A praia e o tempo” percebemos importantes questões sobre nexos entre arquitetura, espaço público e hábitos sociais. O projeto nos serve como uma alegoria sobre as tensões que uma arquitetura e os espaços urbanos podem gerar nas relações sociais e nos sugere uma indissociação entre as “camadas” que atravessam o espaço, indo de encontro a hipótese de que a ordem urbana age e interfere no engendramento das relações entre es-

paços públicos e hábitos sociais, a partir de condicionamentos visíveis e invisíveis. Nos sugerindo a impossibilidade de pensar arquiteturas e táticas urbanas desarticuladas às dinâmicas sociais.

“ se há conexão entre a relações sociais e o espaço, entre os lugares e os grupos humanos, seria preciso, para estabelecer uma coesão, modificar radicalmente as estruturas do espaço” . (LEFEBVRE, 1999)

As reflexões incitadas sobre o território praticado da praia urbana, a partir da análise documental disponível sobre a instalação, ao mesmo tempo que nos possibilitou imaginar as relações habituais e as novas possíveis de interações na espacialidade à beira-mar, também nos evidenciou uma lacuna sobre informações dos processos que foram iniciados a partir deste objeto arquitetônico e como ele foi praticado ao longo de sua existência. Nesse sentido, nos questionamos sobre o desinteresse de se olhar para os territórios sob a perspectiva do território praticado. E acreditamos que esta lacuna nos distancia da compreensão e construção de projetos que consideram a totalidade social, o mundo vivido e percebido pelos habitantes.

BIBLIOGRAFIA

1. HUGUENIN, F.P.S. O mito da praia democrática: um ensaio sobre Ipanema, sua bossa e seus banhistas, Campos dos Goytacazes, RJ: Essentia, 2019.
2. KAPP, S.; BALTAZAR, A.P.; MORADO, D. Architecture as Critical Exercise: Little pointers towards alternative practices. Field: A free journal for Architecture (Sheffield), v.2, p.7-29, 2008.
4. GUIZZO, Iazana. Reativar Territórios: o corpo e o afeto na questão do projeto participativo. Belo Horizonte: Quintal Edições, 2019, pg. 51
5. BRANDÃO, M. B. A.; Experimento para uma estratégia transdisciplinar.
6. ARROYO, MÓNICA; NETO, M.L.S; Território ursado/praticado como categoria central do planejamento urbano regional, edição v.17 n.1 (2017): Anais do XVII ENANPUR, Sessão Livre.
7. DONEGAN, Lucy. Qual é a sua praia? Arquitetura e Sociedade em praias de Natal-R, pg. 41.
8. citado em: DONEGAN, Lucy. Qual é a sua praia? Arquitetura e Sociedade em praias de Natal-R.
9. FAYAD, Karime; BESCIAK, Nadia. Cidade e diversidade: perspectivas para o próximo urbanismo. XVII ENANPUR, São Paulo, 2017.
10. MONTANER, Josep Maria; MUXÍ, Zaida. Arquitetura e política: ensaios para mundos alternativos, São Paulo: Gustavo Gili, 2014.
11. PENA, Mariana. A experiência das mulheres nos espaços consagrados do “masculino”: uma leitura socioterritorial dos estádios de futebol, Niterói, 2021.
12. FAYAD, Karime; BESCIAK, Nadia. Cidade e diversidade: perspectivas para o próximo urbanismo. XVII ENANPUR, São Paulo, 2017.
13. ARRUDA, Marcella. Arquitetura da liberdade, a experiência do comum, Trabalho de Conclusão de Curso, Escola da Cidade, 2016.
- 13.1 HUGUENIN, F.P.S. O mito da praia democrática: um ensaio sobre

Ipanema, sua bossa seus banhistas, Campos dos Goytacazes, RJ: Essentia, 2019.

14. CORBIN, Alain. O território e o vazio: a praia e o imaginário ocidental / Alain Corbin ; tradução Paulo Neves, São Paulo : Companhia das Letras, 1989.

15. HUGUENIN, F.P.S. O mito da praia democrática: um ensaio sobre Ipanema, sua bossa seus banhistas, Campos dos Goytacazes, RJ: Essentia, 2019.

16 e 17. DONEGAN, Lucy. Qual é a sua praia? Arquitetura e Sociedade em praias de Natal-R.

18. DONEGAN, Lucy. Qual é a sua praia? Arquitetura e Sociedade em praias de Natal-R.

19. HUGUENIN, F.P.S. O mito da praia democrática: um ensaio sobre Ipanema, sua bossa seus banhistas, Campos dos Goytacazes, RJ: Essentia, 2019.

20. DONEGAN, Lucy. Qual é a sua praia? Arquitetura e Sociedade em praias de Natal-R.

21. citado em: DONEGAN, Lucy. Qual é a sua praia? Arquitetura e Sociedade em praias de Natal-R.

22. DONEGAN, Lucy. Qual é a sua praia? Arquitetura e Sociedade em praias de Natal-R.

23. citado em: DONEGAN, Lucy. Qual é a sua praia? Arquitetura e Sociedade em praias de Natal-R.

24. JUNIOR, Wellisson; FONTES Bianca. Espaços públicos e diversidades urbana. Anais eletrônicos do VII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade- Rio Grande: Ed. da FURG, 2018

25. HUGUENIN, F.P.S. O mito da praia democrática: um ensaio sobre Ipanema, sua bossa seus banhistas, Campos dos Goytacazes, RJ: Essentia, 2019.

26. afeto também no sentido de afetar, a tingir, afligir, causar abalo.

27 e 28. SETTON, Maria da Graça. A teoria do habitus em Pierre Bourdieu: uma leitura contemporânea. São Paulo. Revista brasileira de educação, n. 20, 2002.

29. FRANÇA, Ana Marcela. Paisagem e natureza na arte contemporânea: ressignificações do espaço e experiência da obra, Revista PRUMO, Vol. 5, nº8, 2020.

FIGURAS

Figura 01: Praia de Ipanema, 2020. Disponível em: <https://jovempan.com.br/noticias/brasil/rio-de-janeiro-flexibiliza-restricoes-e-permite-permanencia-de-banhistas-na-praia.html>. Acessado em 15/09/202...10

Figura 02: Reportagem 01. Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com>. Acessado em 10/09/2021

Figura 03: Posto 8 de Ipanema. TESTINO, Mario. Disponível em: <https://www.mariotestino.com/photography/personal-projects/on-location-around-the-world/?selection=16>.

Figura 04: Praia de Copacabana, 1965. BRILL, Aline. Acervo IMS

Figura 05: Praia de Copacabana, 1950. MOSKOVICS, Carlos. Acervo IMS

Figura 06: Praia de Copacabana, 1900. Acervo IMS.

Figura 07: Praia de Copacabana, 1970. Acervo IMS.

Figura 08: Praia do Leme, 1976. GAUTHEROT, Marcel. Acervo IMS

Figura 09: Praia do Leme, 1976. GAUTHEROT, Marcel. Acervo IMS

Figura 10: Reportagem 02. Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com>. Acessado em 10/09/2021

Figura 11: Praia de Copacabana e Leme. Disponível no website Visit. rio. Acessado em 11/09/2021

Figura 12: Reportagem 03. Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com>. Acessado em 10/09/2021

Figura 13: Reportagem 04. Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com>. Acessado em 10/09/2021

Figura 14: Reportagem 05. Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com>. Acessado em 10/09/2021

Figura 15: Reportagem 06. Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com>. Acessado em 10/09/2021

bo.com. Acessado em 10/09/2021

Figura 16: Reportagem 07. Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com>. Acessado em 10/09/2021

Figura 17: Reportagem 08. Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com>. Acessado em 10/09/2021

Figura 18: Acervo Gru.a

Figura 19: Livro "Nos tempos da Guanabara - Uma História Visual (1960-1975), de Paulo Knauss (2016), acervo gru.a.

Figura 20 a 27: Acervo gru.a

Figura 28 e 29: Acervo pessoal

Figura 30: Print do website do gru.a arquitetos.

Figura 31: Print do website Vitruvius. Disponível em: <https://vitruvius.com.br/revistas/read/projetos/>.

Figura 32: Print do website Design Boom. Disponível em: <https://www.designboom.com/art/pedro-varella-copacabana-beach-installation-rio-de-janeiro-07-19-2019/>

Figura 33: Acervo pessoal